

The background is a topographic map with contour lines. Overlaid on this are several thick, hand-drawn lines in red and teal. A dashed pink line also traces a path through the center of the map. The text is positioned on the left side of the map.

# UM ESPAÇO VIVIDO NO MORRO DO MACAÇO:

*diálogos entre a arquitetura e a etnografia*

por Nathália Ferreira Gomes

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE  
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Nathália Ferreira Gomes.

Título do trabalho: Um espaço vivido no Morro do Macaco: diálogos entre a arquitetura e a etnografia

**2. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Nathália Ferreira Gomes

Assinatura do(a) autor(a)

Ciente e de acordo:

[Assinatura]

Assinatura do(a) orientador(a)

Goiânia, 14 de julho de 2021

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.



# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

Arquitetura e Urbanismo

**Um espaço vivido no Morro do Macaco: diálogos entre a  
arquitetura e a etnografia**

Nathália Ferreira Gomes

GOIÂNIA  
JUNHO/2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes, Nathália Ferreira

Um espaço vivido no Morro do Macaco: [manuscrito] : diálogos entre a arquitetura e a etnografia / Nathália Ferreira Gomes. - 2021. 97 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Vladimir de Lima Amaral.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Arquitetura e Urbanismo, Goiânia, 2021.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, lista de tabelas.

1. Arquitetura rural. 2. Etnografia. 3. Pirenópolis. 4. Fazenda. 5. Relação. I. Amaral, Camilo Vladimir de Lima, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### ARQUITETURA E URBANISMO

No dia quinze de junho de dois mil e vinte e um foi realizada a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Um espaço vivido no Morro do Macaco: diálogos entre a arquitetura e a etnografia**”, de autoria de **Nathália Ferreira Gomes**, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. A Banca Examinadora foi instalada pelo Prof. Camilo Vladimir de Lima Amaral, orientador do trabalho, com a participação dos demais membros:

- Prof. Dr. Glauco Roberto Gonçalves - PPGEEB/UFG - Membro Externo Convidado
- Prof. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira - Prof. FAV/UFG
- Prof. Dr. Pedro Dultra Britto - Prof. FAV/UFG

Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de nove e meio (9,5), tendo sido o TCC considerado aprovado.

**Observações da Banca:** A banca considerou o trabalho relevante e o tema importante e provocativo, produzindo uma leitura sensível. Considerou que o trabalho traz importantes debates para o campo, indicando que faltou explorar mais a temporalidade dos "homens lentos", questões críticas quanto ao processo de turistificação, e ponderações sobre os limites da leitura etnográfica no trabalho.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelo Orientador e pela Coordenação de Curso.



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Vladimir De Lima Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 15/06/2021, às 13:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antônio Oliveira Mello, Coordenador de Curso**, em 15/06/2021, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 25/08/2021, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Dultra Britto, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2021, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2134248** e o código CRC **B27FF86E**.

---

Referência: Processo nº 23070.026354/2021-99

SEI nº 2134248

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender a relação da arquitetura com os espaços vividos e percebidos pelo homem no meio rural. Foi utilizada uma abordagem etnográfica e a Análise Temática (também conhecida como *Grounded Theory*), em uma fazenda no Morro do Macaco, em Pirenópolis, Goiás. A compreensão do local se deu através da tríade dos espaços, de Henri Lefebvre, o Espaço Percebido, o Concebido e o Vivido. Como síntese da observação do Espaço Vivido e da Análise Temática, foram elaborados e desenvolvidos cinco conceitos-chave: (2.1) Lugar de fronteira: A relação entre o campo e a cidade; (2.2) “Pegar do chão”: entre o íntimo e o coletivo; (2.3) “É uma parceria, né”: Rede de trocas e encontros; (2.4) “Acabar de chegar”: A ontogenia no meio rural; (2.5) Into the Wild: A relação do esporte com a natureza. Pretende-se assim acrescentar aos estudos sobre a arquitetura rural e a etnografia, possibilitando novas pesquisas sobre as habitações rurais em Goiás e no Brasil, tendo em vista as ressignificações do espaço de morar.

Palavras-chave: Arquitetura rural. Etnografia. Pirenópolis. Fazenda. Relação.

## ABSTRACT

This work aims to understand the relation between architecture and the lived and perceived spaces by mankind in rural áreas. It was used an ethnographic approach and a Thematic Analysis (also known as Grounded Theory), in a farm at Macaco's Hill, in Pirenópolis, Goiás. The comprehension of the place was given by Spatial Triad, by Henri Lefebvre, the Perceived Space, the Conceived and the Lived. As a synthesis of the observation of Lived Space and Thematic Analysis, five key-concepts were elaborated and developed: (2.1) Place of border: The relationship between countryside and city; (2.2) "Take up from the ground": between intimate and collective; (2.3) "It's a partnership, right": Exchange and meeting network; (2.4) "Come on in": The ontogeny in rural areas; (2.5) Into the Wild: The relationship between sport and nature. Thus, it is intended to add to studies on rural architecture and ethnography, enabling further research about rural dwellings in Goiás and Brazil, since the reinterpretation of living space.

Key-words: Rural architecture. Ethnography. Pirenópolis. Farm. Relationship.

*O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida; a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro. Ali está a nossa casa. Simples, sem voltas, sem retórica. Uma casa em que os espaços foram cuidadosamente pensados, não sobre a base da especulação, mas sobre a base da solidariedade humana; uma casa onde é possível viver, e principalmente pensar, onde há espaço para tudo, um espaço cuidadosamente dosado, que vai da cozinha dada como um laboratório químico ao esconderijo para os barbantes e as rolhas usadas.*

Lina Bo Bardi

À todos que fazem parte da minha história e  
Aos que perdemos ao longo da pandemia.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, ao Universo e à natureza, por me permitirem estar aqui hoje, contando a minha história da melhor maneira possível.

Agradeço à minha família, por segurarem a barra enquanto eu precisava estudar, por serem meu porto seguro e meus maiores exemplos de vida. Eu amo vocês.

À minha mãe, Elieth, minha melhor amiga e o grande amor da minha vida. Obrigada por me trazer ao mundo.

Ao meu pai, Carlos, por ser exemplo de pessoa que eu busco ser todos os dias. Obrigada por tanto amor e cuidado.

À minha irmã e parceira, Bruna. Obrigada por acreditar em mim, me ouvir e ser fonte de inspiração para minha vida.

À Serena e Larisse, por serem minhas amigas e companheiras de escalada, por acreditarem e me incentivarem sempre.

Ao Ângelos, por viajar comigo até a fazenda várias vezes, me ajudar a manter o foco, me escutar e ler meu trabalho, ajudando nas correções e por todo o apoio durante essa reta final.

À comunidade escaladora pelo apoio, participação e divulgação nas pesquisas.

À família do Morro do Macaco: a dona Ireni, o seu Inácio, o Zé, a Elenir, o Pedro, o seu Levi, o Maestro, o seu Erino e a dona Antônia. Obrigada por me permitirem entrar nas casas de vocês e contar essa história para o mundo.

Aos meus professores da Faculdade de Arquitetura da UFG, pelos conhecimentos transmitidos e por todo o suporte, sempre que precisei.

Em especial ao meu orientador, Camilo Amaral, pelas orientações, correções e conversas. Obrigada pelas inúmeras sugestões, críticas e referências. É uma honra poder dividir este trabalho com você.

Ao professor Fernando Mello, que me incentivou a seguir o trabalho acadêmico desde a primeira banca de seminário. Segundo ele, meu trabalho tinha tudo para ficar “bem bonito”. Espero ter correspondido, professor.

À professora Marcelina Gorni, que acreditou no meu tema desde o começo, quando ele ainda desdobrava em cinco ideias abstratas, e me direcionou a buscar o prof. Camilo como orientador.

À professora Adriana Mara, pelo olhar trazido em seu livro, responsável por abrir meus horizontes e me direcionar na pesquisa deste trabalho.

E ao meu colega de trabalho, desde as turmas de projeto até o TCC, o Júnior. Obrigada pelo apoio, incentivo, ideias infinitas e por dividir comigo essa etapa da vida.

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>APA</b>	Área de Proteção Ambiental
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>PESP</b>	Parque Estadual da Serra dos Pireneus
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás

## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

**Gráfico 1** – Questionário: Gênero e Faixa Etária

**Gráfico 2** – Questionário: Acessos e Frequência

## SUMÁRIO

POR UMA ETNOGRAFIA RURAL	1
Introdução e justificativa	1
1. A ARQUITETURA RURAL	3
1.1. Objetivos, Contexto e Objeto	3
1.2. Sobre a Metodologia do Estudo	13
1.3. Abordagem	20
1.3.1.Os Três Espaços	20
1.3.2.Habitar, Morar e Construir – Entre o rural e o urbano	22
2. REFAZENDA: HABITAR UMA FAZENDA NO MORRO DO MACACO	25
2.1. Lugar de fronteira: A relação entre o campo e a cidade	26
2.2. “Pegar do chão”: entre o íntimo e o coletivo	29
2.3. “É uma parceria, né”: Rede de trocas e encontros	32
2.4. “Acabar de chegar”: A ontogenia no meio rural	35
2.5. Into the wild: A relação do esporte com a natureza	38
3. SÍNTESES ESPACIAIS	42
4. CONCLUSÃO	46
Referências bibliográficas	48
Apêndices e Anexos	51
Apêndice A – Roteiro semiestruturado para Entrevistas	51
Apêndice B – Transcrição completa da Entrevista I: Proprietários da fazenda	53
Apêndice C – Transcrição completa da Entrevista II: Maestro	62
Apêndice D – Questionário: Identificando os frequentadores do Morro do Macaco, em Pirenópolis	69
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO	73

## **POR UMA ETNOGRAFIA RURAL**

### **Introdução e justificativa**

Ao longo de diversos estudos sobre a casa e o habitar, percebe-se que pouco se conhece sobre as moradias rurais e seus habitantes, até porque a maioria das construções rurais foram – e ainda são – marcadas pela não presença de arquitetos ou engenheiros. Elas foram erguidas pelos próprios moradores, através de saberes passados entre gerações, e muitas vezes até com a ajuda de amigos, vizinhos e outros familiares, em processos conhecidos antigamente como mutirões. “A casa rural [...] insere-se no campo das produções arquitetônicas sem autoria, também chamada de arquitetura vernácula”. (OLIVEIRA, 2010, p.20)

“O termo “vernáculo” pressupõe a referência às edificações nativas de determinado lugar, isentas de influências estrangeiras. No Brasil, por exemplo, se refeririam às dos indígenas. Porém, no que concerne à aplicação do conceito de arquitetura vernácula, existe uma maior abrangência: contempla todas as construções que resultam diretamente da interação entre sociedade, meio ambiente e cultura, na busca do abrigo, e define-se por um processo sem interferência de profissionais da construção, constituindo-se numa tradição.” (OLIVEIRA, 2010, p. 20-21)

A justificativa deste trabalho é contribuir com o estudo acadêmico da arquitetura vernácula, em especial para entender como ela é vivida em casos específicos e concretos. Para isso, o mesmo traz uma análise etnográfica acerca do desenvolvimento de uma fazenda no município de Pirenópolis, Goiás, Brasil.

Cada vez mais o ensino de arquitetura se distancia da maneira como as pessoas realmente vivem. WEIMER (2005) retrata que “as escolas de arquitetura até hoje se ocuparam apenas com o ensino de parâmetros acadêmicos da profissão. [...] e que a característica básica da arquitetura era a monumentalidade” (p. XLVIII).

Em Goiás, a historiografia é ainda voltada para estudos de patrimônio e preservação, sendo a maior parte das pesquisas de produção acadêmica de professores e alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Goiás (OLIVEIRA, 2010, p.23). Recentemente o Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade da UFG tem contribuído muito neste debate. Mas ainda percebe-se a existência de poucas atividades de pesquisa da Arquitetura e Urbanismo nas temáticas de arquitetura rural, arquitetura vernácula e arquitetura popular.

Tendo em vista este contexto de produção científica arquitetônica, a escolha do local foi feita a partir do acesso da pesquisadora à família proprietária. Nos capítulos seguintes serão feitas abordagens teóricas aplicadas no lugar escolhido, uma propriedade privada no meio rural, composta por casa principal e seus respectivos anexos. A partir do olhar observativo-participativo da pesquisadora, foi possível conhecer melhor o local e as relações no modo de morar do homem inserido no contexto rural.

O primeiro capítulo apresenta o tema da arquitetura rural através de um objeto específico: a fazenda no Morro do Macaco, em Pirenópolis. O lugar é analisado de forma objetiva, mostrando a história do município, dados importantes da região, levantamentos e pesquisas geográficas. Para contextualização do leitor, são trazidas explicações detalhadas da fazenda, das edificações que fazem parte do conjunto e das pessoas que o habitam. Também, é explicado a metodologia e abordagem utilizadas para a construção deste trabalho, a etnografia, com um olhar observativo participante, as sínteses dos espaços, de Henri Lefebvre e a Análise Temática.

No capítulo seguinte, a fazenda é vista sob a interpretação da pesquisadora. Após processamento das informações coletadas, elas foram divididas e explicadas em eixos temáticos. Esta Análise Temática junto com a coleta de referências bibliográficas foram importantes para o aprofundamento do local e do modo de morar dessas pessoas, retratados ao longo do capítulo.

Já o capítulo 3 é resultado da síntese de todas as informações dos anteriores, com objetivo de reunir o que foi citado e rerepresentar, só que desta vez através de elementos visuais e gráficos. Os elementos apresentados são: uma nuvem de palavras, uma linha do tempo e colagens síntese para cada conceito-chave criado no capítulo 2. A conclusão do trabalho reafirma as relações estudadas e compreendidas no objeto de estudo, e abre portas para as possibilidades de pesquisas futuras, buscando contribuir assim para o campo expandido da Arquitetura.

Por último, temos um Apêndice com as entrevistas e o roteiro elaborado para a condução das mesmas; e um levantamento fotográfico bem robusto, complementando o entendimento dos espaços.

## 1. A ARQUITETURA RURAL

### 1.1. Objetivos, Contexto e Objeto

Busca-se neste trabalho compreender e expandir o campo de aplicação da arquitetura, através de estudos etnográficos de uma casa rural localizada no município de Pirenópolis, em Goiás. O foco é entender o comportamento – movimentação e produção – dos moradores desta fazenda frente às demandas que o tempo e o espaço lhe oferecem. Identificar, conhecer, mapear e entender são os objetivos da pesquisadora para elucidar sua experiência *in loco* deste espaço, ou seja, a sua vivência na prática. É, ainda, a tentativa de proporcionar novas experiências e contribuir com um olhar mais sensível dos seres humanos para seu contato com a terra, com o habitar, morar e construir: repassar a experiência e, assim, tocar o outro de alguma forma.

Quanto ao estudo em si, seu objeto é uma fazenda inserida no município de Pirenópolis (GO). Município este que está localizado na região leste do estado de Goiás, na microrregião do Entorno de Brasília, a 775 metros de altitude, distante cerca de 130 km da capital do estado, Goiânia, e 150 km da capital federal, Brasília – DF.

**Mapa 1** – Localização dos municípios e respectivos acessos



Fonte 1: Elaborado pela autora

Fundada por portugueses no século XVIII, juntamente com vários arraiais de Goiás, o arraial de Meia Ponte, atual cidade de Pirenópolis, estruturou-se na

exploração aurífera, no comércio e uma incipiente produção agropecuária (OLIVEIRA, 2010). Após o declínio do ouro, as atividades foram sendo desenvolvidas baseadas nas influências e intercâmbio com outras localidades do país, como foi o caso da pecuária e agricultura, por exemplo.

No início, essas dificuldades de comunicação e acessos à capitania também foram motivos para que os habitantes erguessem suas construções de acordo com as particularidades do local e dos recursos disponíveis, propiciando, segundo OLIVEIRA (2010) o “nascimento de uma arquitetura própria do lugar”. Logo, a formação dessa arquitetura vernácula goiana “nasceu do processo simultâneo de ocupação da terra, em que se mesclavam à formação dos núcleos urbanos e o estabelecimento de propriedades rurais, consolidado no século posterior” (OLIVEIRA, 2010).

Ao longo dos anos e das influências das cidades vizinhas, o município de Pirenópolis foi adquirindo uma certa identidade, através da estruturação morfotipológica própria no seu traçado, da linguagem arquitetônica e dos aspectos construtivos, ainda que houvessem as diretrizes para “formação dos núcleos urbanos na época, como as Cartas-Régias e os Autos de Fundação” (TEIXEIRA, 2004, p. 25 apud ALMEIDA, 2006, p. 34). Foi um movimento tímido, mas que aos poucos foi ocorrendo e conferindo certa identificação ao lugar.

Todos estes fatores foram fundamentais para a formação da cultura, religião e vida social destes moradores, aparecendo em seus folclores, costumes, crenças e festas populares. Essa identidade cultural e arquitetônica, por ser um produto histórico e possuir riqueza constitutiva, é um dos fatores responsáveis pelo tombamento de edifícios e do centro histórico da cidade, chamado Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Pirenópolis, em 1989 pelo IPHAN (ALMEIDA, 2006, p. 63).

Do ponto de vista geográfico, atualmente o município possui área de 2.205,010 km<sup>2</sup> (IBGE, 2019) pertence ao Bioma Cerrado e abriga o Parque Estadual da Serra dos Pireneus (PESP), popularmente conhecido como Parque dos Pireneus, este distante 16 km da cidade de Pirenópolis, com altitude mínima de 800 m, próximo a vales, riachos e nascentes, e altitude máxima de 1385 m, no Pico dos Pireneus (BOSQUETTI, 2008). É neste contexto que se encontra a fazenda objeto deste estudo, localizando-se próxima do Parque dos Pireneus, na zona rural do município de Pirenópolis.

A população total de acordo com o último censo, realizado em 2010 (IBGE, 2010) era de 23.006 habitantes, com densidade demográfica de 10,43 hab./km<sup>2</sup>. Destes, 11.209 são mulheres e 11.797 são homens, a maioria com faixa etária de 30 a 59 anos. As vias públicas da cidade são em geral urbanizadas e 33,9% das moradias possuem esgotamento sanitário adequado (IBGE, 2010), mas na região rural, em geral e especificamente na região de nosso estudo, as estradas são de terra e os acessos são precários.

Observa-se que a maioria dos habitantes vivem em domicílios urbanos, sendo 15.563; e os que moram na zona rural são 7.443 pessoas. Em 2018 o salário mensal dos trabalhadores era de 1.8 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas era de 18.2% (IBGE, 2018). Na zona rural, a relação trabalho é intrinsecamente ligada à terra, mas quando são contratados ajudantes, os salários são compatíveis com os da cidade. As atividades econômicas comumente desenvolvidas no campo são agricultura de subsistência, agropecuária e de turismo, sendo estas as mais fortemente ativas no município. Também importantes são a extração vegetal, a mineração e a extração de quartzito micáceo para a produção de pedras para pisos e revestimentos, a famosa pedra de Pirenópolis.

A atividade de turismo vem sendo fomentada cada dia mais devido ao posicionamento estratégico do município e proximidade com as cidades de Goiânia, Brasília e Anápolis, atraindo muitos visitantes destes locais. Para quem visita, existem diversas opções, como por exemplo: passeios *outdoor* na natureza (visitações a cachoeiras, prática de esportes ao ar livre, corridas de montanha, ciclismo, escalada, *rafting*<sup>1</sup>); circuitos gastronômicos (rica e diversificada gastronomia, a exemplo da Rua do Lazer); festas populares (como a Festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas); atrativos urbanos (como visitas a museus, ao centro histórico tombado, as casas e igrejas coloniais, etc.); passeios de balão (balonismo); e ainda diversidade de pousadas, hotéis, hostels e áreas de camping para hospedagem.

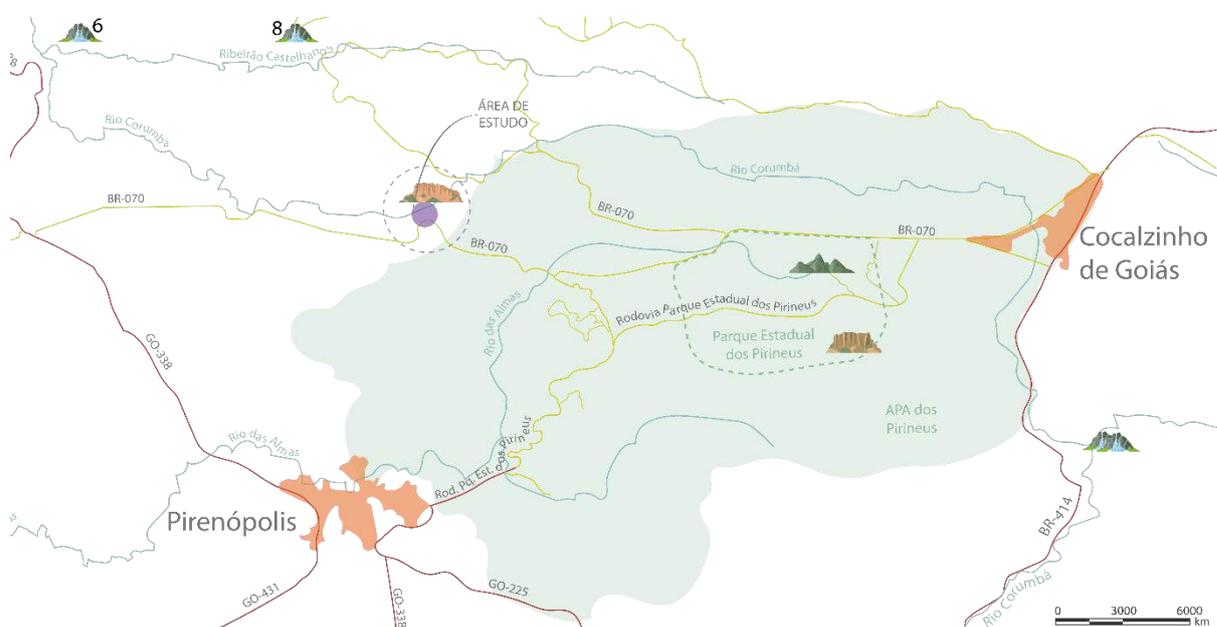
---

<sup>1</sup> O *Rafting* consiste em uma atividade praticada por um grupo de pessoas descendo corredeiras de rios. Para tal, eles utilizam botes infláveis controlado por remos e com um instrutor como guia, o qual orienta o grupo durante o percurso.

## Uma primeira aproximação à espacialidade da fazenda

Quanto à fazenda em si, ela está localizada em paisagem de vale, cercada por serras, morros e vãos, e está próximo ao Parque dos Pirineus, distante cerca de 30 km da cidade de Pirenópolis e 16 km da cidade de Cocalzinho de Goiás. Os acessos até o local são fáceis e podem ser: através da GO-338 (saída oeste), saindo de Pirenópolis, passando na frente do aeroporto da cidade e virando na BR-070 (via não asfaltada e que conecta a cidade de Pirenópolis a Cocalzinho de Goiás); passando por dentro do Parque Estadual dos Pirineus, através da saída leste, indo no sentido das cachoeiras mais frequentadas, subindo o morro e por fim, virando a esquerda na BR-070; ou ainda, indo direto de Cocalzinho de Goiás através da BR-070, como podemos ver no mapa abaixo.

**Mapa 2** – Localização dos municípios de Pirenópolis e Cocalzinho e área de estudo

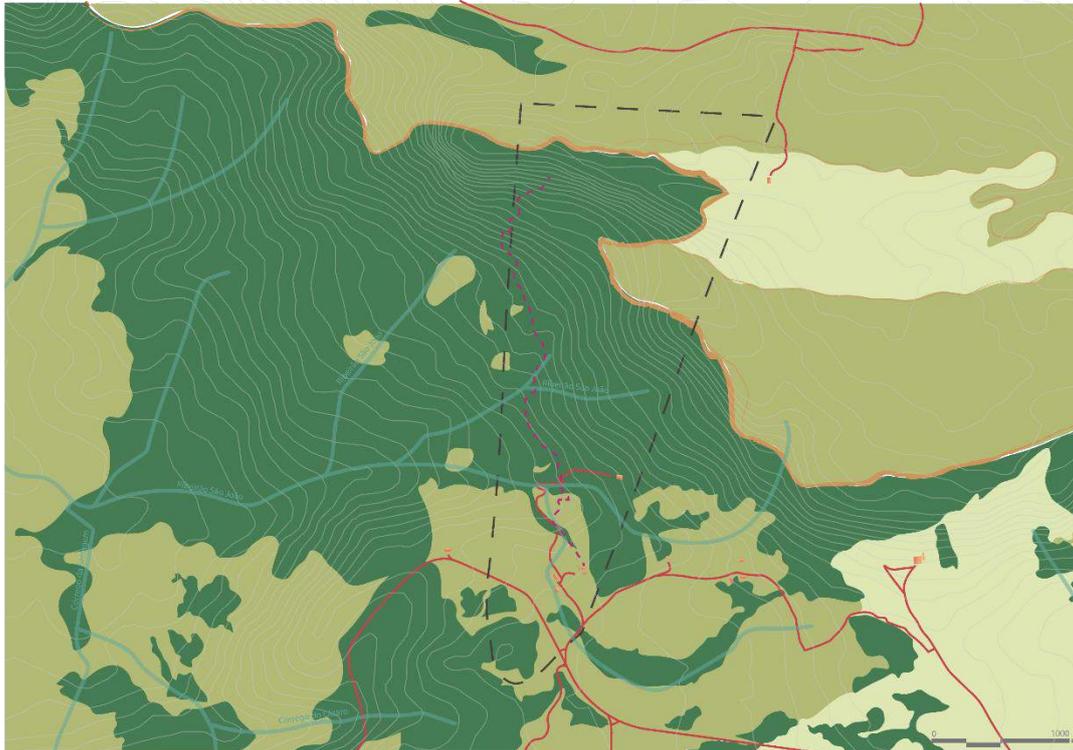


Fonte: Elaborado pela autora.

Neste local existem duas fazendas, sendo cada uma com aproximadamente 11 hectares de área. Uma pertence ao seu Erino e a outra à sua irmã, a dona Ireni. Eles se mudaram para a região há mais de 50 anos, criaram suas famílias e moram lá até hoje. O sustento e alimentação são tirados da própria terra, seja no trato e criação de animais, ou nos itens produzidos com matéria-prima plantada e colhida por eles, como frutas e verduras. Além disso,

eles participam e organizam celebrações, festas e missas, possuem boa relação com as fazendas vizinhas e, ainda, incentivam o esporte aos que passam por lá e desejam desfrutar o que local oferece.

**Mapa 3 – Região de estudo**



LEGENDA	VEGETAÇÃO
— vias não asfaltadas, "estradas de chão"	● pasto/ campo
— Morro do Macaco	● manchas vegetacionais (veredas e matas de galeria)
- - - trilha	● cerrado denso (arbóreo e arbustivo)
— hidrografia	
— topografia	
- - delimitação da fazenda	

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora.

O contexto é o de uma grande serra, chamada de Serra de São João, que passa dentro dessas fazendas, sendo essa porção conhecida localmente como Morro do Macaco ou Serra do Macaco. Este morro nada mais é do que uma grande formação rochosa (com cerca de 1.270 metros de altura, em sua parte mais alta, em relação ao nível do mar), colorida e atrativa, formada por quartzito e granada biotita no fundo de vale, local perfeito para a prática de esportes de aventura. A fazenda que este trabalho irá focar é a da dona Ireni, a qual fomenta

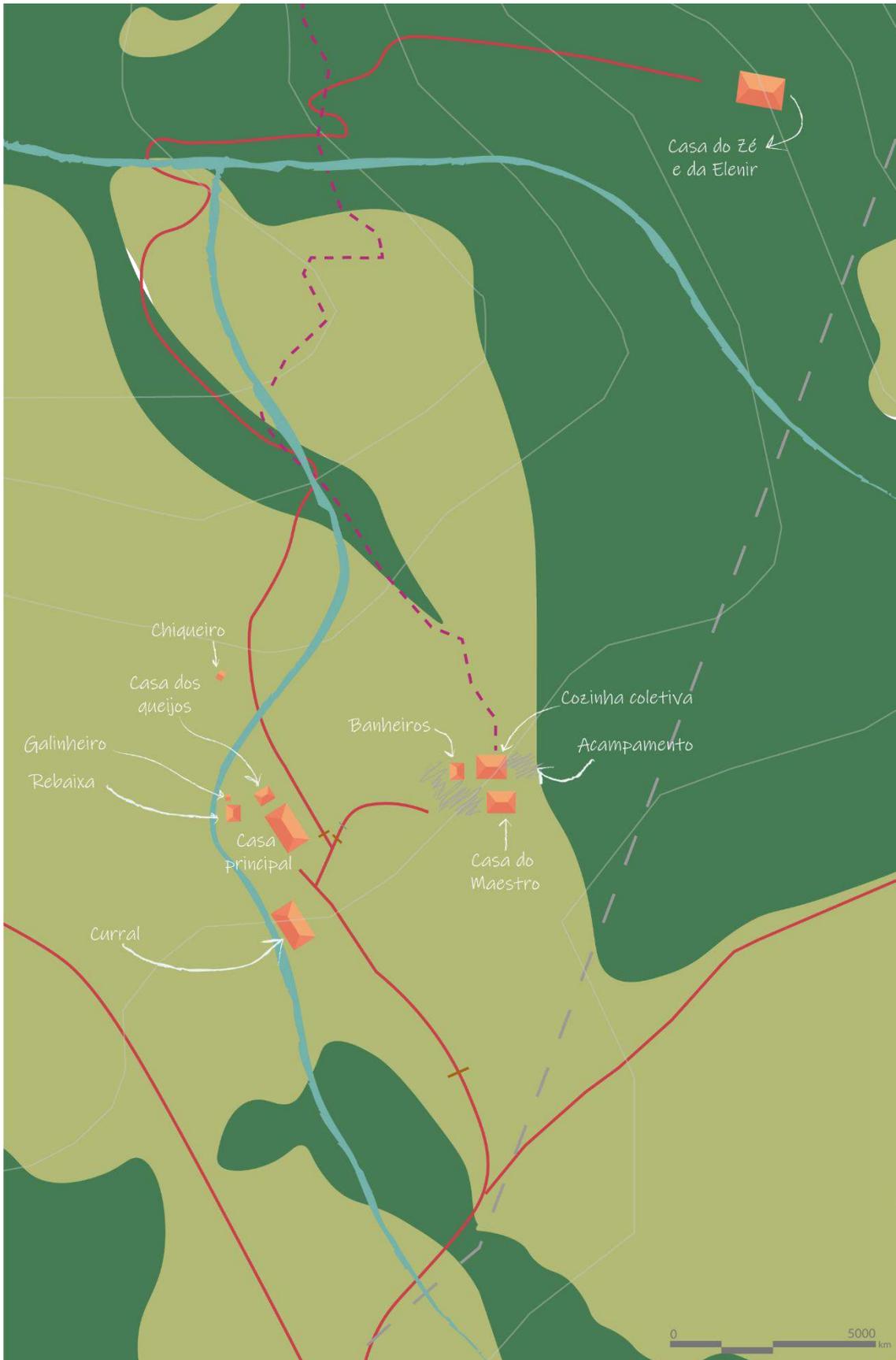
fortemente o turismo e abriga outras instalações e construções além da casa da família.

A produção desta propriedade é toda advinda de pomares, criações de animais e cultivos locais. No local também são recebidos aventureiros e atletas de esportes radicais, como trilheiros e escaladores, que veem na região um local rico e diversificado para suas práticas.

O conjunto rural é composto por todas as construções e abrigos presentes neste meio, e não apenas a casa principal. No caso desta fazenda fazem parte do conjunto rural: a casa sede e suas respectivas dependências e anexos; a casa do Zé (que é filho da dona Ireni e do seu Inácio, e mora em uma casa próxima com a esposa, Elenir); a casa do Maestro (escalador que aluga a “antiga casa do caseiro” há quatro anos); o acampamento e sua infraestrutura de apoio, sendo banheiros e cozinha coletiva.

A casa-sede está localizada com fachada principal e porteiros de acessos voltadas para a entrada da fazenda, possibilitando um campo visual claro, sendo percebido (e ouvido – por causa do barulho da porteira de metal) a chegada e saída de pessoas ao local. É a primeira construção vista ao adentrarmos a estrada. Nesta casa moram os genitores da família, a dona Ireni e o seu Inácio. Moram com eles o Pedro (um dos netos, filho do Zé) e o seu Levi (irmão da dona Ireni). A construção é datada de 1984 e foi feita pela própria família, tendo levado oito anos para ser concluída. Os principais materiais utilizados foram pedras para fundação, madeiras para a estrutura, tijolos cerâmicos e de concreto, madeiras para o telhado e demais revestimentos para acabamentos.

**Mapa 4 – A fazenda e seus anexos**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Como anexos e dependências desta casa, têm-se: banheiros, casa dos queijos/ queijeira, rebaixa, curral, galinheiro, chiqueiro, espaço para silo. O banheiro para trabalhadores e visitantes está situado do lado de fora, ao lado da casa. Ainda sem reboco, ele foi feito todo de tijolo cerâmico. Localizada logo em frente a bica d'água na varanda, encontra-se a casa dos queijos. Este é um espaço dedicado ao armazenamento e produção de queijos e doces, armazenamento de carnes, frutas, e quaisquer outros produtos que necessitem serem guardados. Nesta casinha existem geladeira e freezer horizontal, bancada de apoio e caixas organizadoras. A rebaixa, também de frente para a varanda, é o local onde se processa a cana-de-açúcar e é produzida a rapadura. Antigamente havia um moinho, com canaleta que levava até lá e essa produção era maior e intensa. As outras dependências da casa principal são as de criação de animais. O curral, logo na entrada da casa, sendo uma parte coberta; o galinheiro, situado no quintal; e o chiqueiro, em uma cota um pouco afastada.

Como vemos, esta arquitetura rural é formada de um complexo espacial que integra exterior e interior, com uma distribuição fragmentada e dispersa pela paisagem. Desta forma, a casa se expande até a natureza, e a vivência cotidiana do morar, conviver e viver acontece na casa principal, onde antigamente todos moravam juntos. Oliveira (2010, p.27) retrata que

“A interioridade percebida na vivência subjetiva interessa na proporção que a condensa no morar de todos, estabelecendo um diálogo profícuo. A exterioridade está localizada na temporalidade da sociedade que a produz e a preenche de sentido, em que a casa corporifica o tempo sócio-histórico, posicionando-se como artefato.”

Apesar da distância entre as casas, os moradores mantêm uma relação de intimidade com todos os familiares, e os contatos são mediados por diversos elementos simbólicos na paisagem (como as cercas, a vegetação, os trieiros de terra, as estradas, etc.). E a casa da dona Ireni ainda é o centro de encontro de todos os familiares, sejam em datas importantes ou em celebrações (como as missas, que são realizadas no local).

O Zé é filho da dona Ireni e do seu Inácio e há pouco mais de três anos mudou-se com a esposa, Elenir, para uma casa vizinha que estava abandonada nas proximidades da terra deles. O acesso é feito através de uma larga estrada de terra, passando pela porteira lateral à casa principal, descendo e depois subindo o morro até chegar num colchete que delimita essa outra propriedade.

Esta casa foi construída há mais de 40 anos, e possui estrutura em madeira de Aroeira, base e piso externo de pedra e alvenarias de tijolo de barro cozido, o tijolinho. Há cerca de 20 anos ela esteve abandonada, sofrendo as deteriorações do tempo e do material, sendo recentemente reformada e habitada pelo casal. Ela possui dois quartos, um banheiro, sala ampla, cozinha, varanda e despensa externa. Um dos quartos está no mezanino da casa, que tem pé direito duplo e é bastante arejada. Como parte das dependências, existe também um galinheiro e uma horta. O Zé é o gestor de todos os assuntos que competem à fazenda, sendo responsável pelas tarefas cotidianas (tirar leite, plantar, colher), pelos assuntos financeiros, pela administração e organização do acampamento e pelas compras e vendas.

“Entrevistadora (E) – Certo. E qual que é a sua rotina aqui? Como que é o seu dia a dia?”

Zé – Hum...tem muita coisa pra ver.

(E) – Muita coisa pra fazer?

Zé – É. Muita coisinha. Tenho que vir aqui e tirar um leite de umas vaquinhas.

(E) – Que horas você tira leite?

Zé – Ah...eu não levanto muito cedo, não. Umás 7 horas.

D. Ireni – Hoje mesmo ele veio tirar leite depois da feira, agora de tarde (risos).

Zé – Nós estamos só com três vacas agora, aí é bem pouquinho. Mas tem que tirar né?

(E) – Uhum. E depois que você tira leite?

Zé – Eu plantei umas torra de milho ali, aí tem que arrumar água pra molhar. Aí tô querendo moer uma cana essa semana, e não sei como é que eu vou fazer. Tem que cortar o milho pra fazer um silo pra tratar das vacas.

(E) – Ah, tá fazendo ali, né?

Zé – Tô. Cê viu ali?

(E) – Eu vi de longe, mas vi.

Zé – Pois é. Tem um milho lá.

(E) – O que mais cê faz?

Zé – Aí...cada dia tem uma coisa pra gente ver né. A gente tava roçando pasto ali, tem cerca pra passar arame.

(E) – Não para, né?

Zé – Não para, não. Aí tem que arrumar as coisas pra vender também, né. Matar um porco, tem que produzir pra feira. (Informação verbal)<sup>2</sup>”

O Zé e a Elenir passam a maior parte do tempo trabalhando na fazenda, andando de um lado para o outro arrumando tudo. São eles que inclusive levam a produção para ser vendida na feira e desempenham todas as tarefas. Na rotina

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

diária eles ficam em casa somente para dormir, ou quando tem algum trabalho a ser feito por lá também.

O Maestro é o inquilino, músico e escalador, que há quatro anos aluga uma casa de três cômodos existente também nos limites da fazenda. Inicialmente era para ser a morada de um caseiro, porém, com a visita de escaladores ao local e a procura por moradia no meio rural, os proprietários decidiram alugar. A casa possui dois quartos, um banheiro, cozinha integrada com a sala (utilizada como estúdio de música) e varanda. Sua rotina diária consiste em curiosos comportamentos, um tanto diferente dos outros moradores. Rotina essa que inclui ensaios musicais, escaladas em rocha e longas caminhadas na região. Ele também costuma realizar passeios e guiadas turísticas com as pessoas que ficam hospedadas no acampamento, geralmente aos finais de semana.

“Entrevistadora (E) – E....como que é a sua rotina hoje?

Maestro – Hoje? Nossa...hoje *hoje tá* tendo muitos planos, sabe. A minha companheira está precisando de ajuda no terreno que ela comprou. Aí eu já *tô* disposto a cavar uns buraco, colocar uma cerca, passar e esticar...aquela coisa, né. E ao mesmo tempo lá tem umas pedras muito massa pra escalar, vou te levar lá depois pra você conhecer.

(E) – Ó. Eu quero ir.

Maestro – Muito massa mesmo. As agarras muito únicas, sabe. Mas enfim, vou te levar lá. E aí tá sendo encaminhado por esse lado, agora bem atual. É isso. Essas coisas assim, trabalhar na roça mesmo e escalar.

(E) – *Uhum*. Mas antes disso? É interessante você falar que agora está tendo uma experiência semelhante a deles né, dos proprietários da fazenda. Você tá...tirando da terra.

Maestro – *Éééé*...isso (risos). Sim. Já *tô* fazendo umas mudinhas, uns *trem*, plantas e tal.

(E) – Ó, mas e antes disso? Antes da pandemia? Como que era a sua rotina?

Maestro – Ah sim. Nossa, eu escalava muito. Eu acho que eu tirei um...uns dois anos assim, desde quando eu mudei pra cá, eu fiquei uns dois anos, tipo aquele ano sabático que as pessoas falam, sabe? Só que pra mim não era tão sabático, sabe. Eu ia e subia o pico todos os dias. Com gente lá ou não. Já escalei sozinho, já subi *pra* não escalar, só *pra* estar lá.

(E) – *Uhum*.

Maestro – Mas eram todos os dias. Exceto os dias que eu cansava e dava um *descansinho*. Ou então tinha que ir pra cidade caminhando, *pra* fazer a compra. Mas durante dois anos foi todo dia escalada. (Informação verbal)<sup>3</sup>”

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por MAGALHÃES, Eric. Entrevista II. [jun. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

Ao longo do tempo em que ele mora lá, têm aumentado a presença de escaladores, inclusive muitos ficavam hospedados na casa dele, até que foi construído o camping e suas dependências, há três anos. Esta área destinada ao acampamento está na frente da casa do Maestro e possui aproximadamente 400 metros quadrados. O acesso tanto para a casa do Maestro quanto para o camping devem ser feitos pela porteira lateral à casa principal da fazenda, seguida de um colchete. Embora a casa esteja situada próxima da casa do Maestro e do acampamento, existe uma intenção de privacidade e controle de quem entra, percebida através dos elementos e dos acessos.

O camping possui infraestrutura de banheiros e cozinha compartilhada, sendo os banheiros divididos em masculino e feminino, cada um contendo três vasos sanitários e dois chuveiros, e prateleiras para apoio. Já a cozinha é aberta e de uso coletivo, possui dois fogões completos, pia, geladeira, mesas, bancos e utensílios básicos necessários para o preparo de refeições. Este espaço é o coração do acampamento, arejado, animado, receptivo, com redes e bancos para receber. É o local responsável por reunir todo mundo, seja para as refeições (comunitárias e individuais) ou após um dia da escalada. Em datas comemorativas ou eventos é montado um palco (com banda completa utilizando os instrumentos da casa do Maestro) e é aberto para quem quiser se aventurar musicalmente.

Para hóspedes que não querem cozinhar é oferecido também café da manhã, almoço e/ ou jantar, preparado pela Elenir e servido na cozinha coletiva. A maioria das pessoas que combinam os passeios com o Maestro já aproveitam e incluem as refeições no pacote, sendo algo mais prático para eles. Os frequentadores assíduos geralmente não costumam pedir e optam por preparem a própria comida ou levar pronta de casa.

## **1.2. Sobre a Metodologia do Estudo**

José Abásolo em uma palestra via vídeo conferência para a Escola da Cidade (2020), diz que o “etnógrafo tem que participar da vida das pessoas do lugar, morando junto, observando e registrando todas as informações possíveis”; saber como os personagens vivem, como são as relações entre eles, como constroem uma certa genealogia; “entender o contexto e o lugar em que estão

inseridos, tudo isto é importante e necessário para o estudo etnográfico (informação verbal).<sup>4</sup>

Define-se como etnografia, segundo o dicionário Michaelis, o “ramo da antropologia que trata da origem, das características antropológicas e sociais das diferentes etnias; é também o estudo descritivo dos aspectos de um povo ou grupo social”.

Realizar uma análise etnográfica, percebendo as condições e comportamentos auxilia na compreensão da relação da arquitetura com os espaços percebidos, ocupados e tais como são vividos. As percepções e registros do máximo de informações possíveis são importantes para a geração de contrapartida para a pesquisa acadêmica, para a arquitetura e os estudos com o meio rural, para o entendimento das relações do homem e do meio e também para os próprios moradores. Assim, a premissa da etnografia é

“A tentativa de apreender, numa perspectiva evolucionista e global, o comportamento humano em situação natural e compreender esse comportamento dentro do quadro de referências no qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.” (ESTEVEZ et al. 2009, p. 5)

Também é importante frisar a participação da pesquisadora e seu papel observativo-participativo, sendo fundamental para esta abordagem etnográfica. A presença da pesquisadora como sujeito ativo e atuante nos processos, nas relações, reações e percepções, torna-se o ponto chave para a compreensão do modo de vida das pessoas deste lugar.

Tedlock (1991) em sua narrativa sobre o surgimento da etnografia transcorre sobre a mudança da participação observante para a observação da participação, citando vários autores e exemplos de todo o mundo. Segundo ela:

“Durante a participação observativa etnógrafos tentam tanto participar se envolvendo emocionalmente, quanto serem observadores desapegados da vida dos outros. E na observação da participação, os etnógrafos experienciam e observam a coparticipação deles mesmos e dos outros, dentro do contexto etnográfico. A mudança de uma metodologia para a outra envolve uma transformação representativa na qual, ao invés da escolha de escrever um memorando etnográfico

---

<sup>4</sup> JOSÉ Abásolo: **Arquitetura e etnografia**. Palestra [out. 2020]. São Paulo: Escola da Cidade (207 min.). Palestra realizada a convite da disciplina de desenho da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yjqDDA11a9k&t=1904s>>

centrado no Eu ou uma monografia padrão centrada no Outro, ambos Eu e Outro podem ser apresentados dentro da mesma narrativa etnográfica, focando no personagem e no processo do diálogo etnográfico.” (TEDLOCK, 1991, p. 69, tradução da pesquisadora)

Tem-se então, como método de pesquisa, a observação da participação, assim definida como a participação em todo o processo de observação buscando capturar e retratar o ponto de vista dos moradores, junto da vivência como pesquisadora no campo, e representar tais resultados como um diálogo de experiências entre os personagens envolvidos. A “etnografia é tanto o produto quanto o processo, e nossas vidas como etnógrafos estão cheias de experiências de campo [...]” (TEDLOCK, 1991, p.72, tradução da pesquisadora). Malinowski (1922 [1961]:25 apud TEDLOCK, 1991, p.) sugeriu que “deve-se ter como objetivo capturar o ponto de vista do nativo e sua relação com a vida e visão de mundo” (tradução da pesquisadora).

Georges Condominas (1957), também citado por Tedlock (1991), fala sobre sua crença na etnografia e no retrato observativo participativo. Ao publicar sua vivência vietnamita através de um diário, ele comenta:

“Eu não devo ser desacreditado por referenciar à minha própria presença nos eventos que eu descrevo. Minha proposta não é pintar um quadro exótico ou construir algum tipo de etnografia pré-histórica. Pelo contrário, é transmitir a realidade como foi vivida enquanto estava sendo observada” (CONDOMINAS 1977: XIX apud TEDLOCK, 1991, p. 75, tradução da pesquisadora).

Algumas experiências retratadas pela pesquisadora são resultados de observação e participação ao longo do tempo em que dividiu o espaço com a família da fazenda, antes mesmo do início deste trabalho. Por se tratar de um local conhecido e frequentado previamente, já existia uma relação com os donos. Com a autorização deles para que este estudo acontecesse, houve então uma aproximação natural de todos os envolvidos, respeitando os espaços de cada um. Assim, conforme retrata Miguel (2011) ao fazer a análise da obra de Weimer (2005), em vez de apresentar uma concepção da arquitetura popular de forma idealizada (como uma representação do que se imagina ser a “brasilidade” do brasileiro), o que nos interessa nesse estudo é entender essa arquitetura brasileira tal qual ela é vivida, ou seja, a arquitetura brasileira viva e a sua arquitetura da vida.

De um ponto de vista pragmático, esta abordagem pode ser indicada pelos seguintes passos, desde que se entenda que não são lineares, e aconteceram de forma a todo momento se entrelaçarem. O estudo foi feito então através de: (a) visitas específicas à fazenda, além de observações e percepções já adquiridas ao longo do tempo; (b) levantamento de dados; (c) registros fotográficos, desenhos e cartografias; (d) entrevistas com os moradores e conversas informais; (e) análise temática dos espaços e (f) a discussão dos temas.

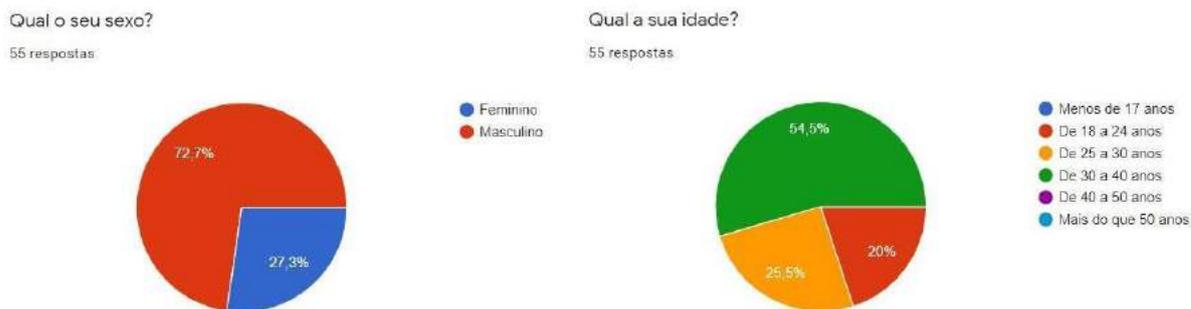
a) Assim, a abordagem utilizada tem uma inspiração etnográfica, onde a pesquisadora esteve junto a eles *in loco* por vários dias, em diferentes épocas, observando e registrando informações pertinentes quanto ao dia a dia dos moradores e frequentadores, buscando entender como é de fato o cotidiano ali, inclusive no contexto da pandemia decorrente do novo Corona vírus (COVID-19), em 2020. Como a fazenda já era conhecida, foi interessante realizar visitas no contexto pandêmico vivido ao longo deste período.

b) Também em 2020, no início do ano, a pesquisadora realizou um questionário online<sup>5</sup> para conhecer melhor as pessoas que costumavam frequentar o local. Embora o ano tenha sido muito diferente dos anos anteriores e o local estivesse fechado para visitação, foi possível levantar dados relevantes para a pesquisa, como por exemplo, quem são essas pessoas; quais são as finalidades que as levam até l ; a frequência com que costumavam ir; o que achavam/ percebiam do lugar; há quanto tempo costumavam frequentar; e as relações que eles têm (ou não) com os donos da terra. A seguir, têm-se alguns dados obtidos que caracterizam esses frequentadores, como g nero e faixa etária.

---

<sup>5</sup> GOMES, Nathália Ferreira. Pesquisa sobre o Morro do Macaco: Identificando os frequentadores do Morro do Macaco, em Pirenópolis. Goiânia, 2020. Questionário divulgado e aplicado de forma online. Todos os dados estão disponíveis na íntegra no Apêndice D deste trabalho.

**Gráfico 1 – Questionário: Gênero e Faixa Etária**



Fonte: GOMES, 2020.<sup>6</sup>

Além dos dados socioeconômicos e do perfil das pessoas, um dado relevante para o entendimento do local é saber a cidade de origem deles. De acordo com as respostas obtidas no questionário aplicado, a maioria se desloca de Goiânia (GO), sendo 28 pessoas (51% dos entrevistados). As que saem de Brasília e de cidades vizinhas somam 21 pessoas (38%); as de Pirenópolis, Cocalzinho e região totalizam 5 (9%) e outros estados, apenas 1 (2%).

Tendo em vista a existência de duas propriedades abrangendo o Morro do Macaco, a casa do seu Erino e a casa da dona Ireni, procurou-se entender qual das duas era mais utilizada para acesso, e qual a frequência de visitação dessas pessoas. Embora a escalada tenha surgido na região há cerca de 20 anos, pela fazenda do seu Erino, a presença de escaladores pela casa da dona Ireni tem se tornando cada dia maior, como mostra o gráfico a seguir.

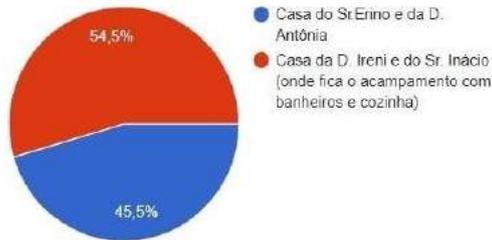
---

<sup>6</sup> Questionário elaborado pela pesquisadora e aplicado via *Google Forms*. Ele está disponível na íntegra no Apêndice D deste trabalho.

## Gráfico 2 – Questionário: Acessos e Frequência

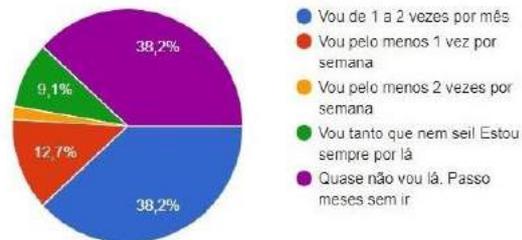
Qual acesso você mais utiliza?

55 respostas



Com que frequência você visita o Morro do Macaco?

55 respostas



Fonte: GOMES, 2020.<sup>7</sup>

O objetivo da aplicação do questionário foi entender todas as atividades que são desenvolvidas no local, tão quanto a frequência das visitas, os acessos mais utilizados, o perfil destes frequentadores e as cidades de origem deles. Foram recebidas no total 55 respostas, e concluiu-se que a maioria utiliza a casa da dona Ireni para acessar o local, indo de uma a duas vezes por mês.

c) Para a compreensão do objeto de estudo é fundamental a utilização de meios gráficos e visuais. Segundo Esteves (et al., 2009) “as imagens resumem séries infinitas de dados e dizem muito sobre a percepção que os indivíduos têm do real” sendo grande contribuição “ao permitir a documentação e preservação de fatos sociais”. Para esboço dessas experiências subjetivas – que apenas tentam perpetuar as vivências – foram feitos desenhos, cartografias, croquis e registros fotográficos do lugar.

d) A coleta de dados foi obtida através de: entrevistas; observações e descrições textuais/ gráficas; registros de conversas com os moradores; contação de histórias e causos; e também, de todas as contribuições advindas da convivência enquanto pesquisadora no campo. Foi criado um roteiro semiestruturado para guiar a entrevista e auxiliar na compreensão da experiência de moradia destas pessoas. Tudo isto levando em conta suas relações com o entorno imediato, com a natureza, com os frequentadores, turistas e vizinhos.

<sup>7</sup> Questionário elaborado pela pesquisadora e aplicado via *Google Forms*. Ele está disponível na íntegra no Apêndice D deste trabalho.

As entrevistas foram feitas, normalmente, em tardes de sábado, e participaram dela os moradores da fazenda. Em outro dia e horário, ela foi feita também com o escalador que aluga a casa dentro da propriedade, o Maestro.

O roteiro foi elaborado pela própria pesquisadora em conjunto com o orientador, e foi dividido em três grandes blocos de abordagem, sendo eles: Bloco 1 – Entender a relação do turismo com o lugar; Bloco 2 – O rural, o homem e a natureza; Bloco 3 – Entender as formas de morar. Cada tema contido nesses blocos proporcionou respostas que foram fundamentais para o direcionamento dos estudos e pesquisas, de acordo com o que foi falado pelos entrevistados. O roteiro está disponível na íntegra no Apêndice A deste trabalho.

Também importante para a definição dos conceitos principais foram as conversas que ocorreram antes-durante-depois da entrevista, sem a formalidade da gravação. Até mesmo simples gestos e frases rotineiras, usadas pelos moradores para cumprimentar quem chega ou quem vai embora, contribuíram para a construção destes conceitos.

e) Para compreensão do espaço e das relações entre moradores e edifícios, foram criados códigos (padrões e/ou símbolos recorrentes) extraídos das conversas e entrevistas. A tentativa ao longo dos resultados deste trabalho é de sintetizá-los em conceitos-chave para o entendimento do espaço tal como ele é vivido por essa família (estes conceitos serão detalhados no próximo capítulo).

Como parte desta síntese têm-se como referência metodológica a *Grounded Theory*<sup>8</sup>, também chamada de Análise Temática, a qual tem por objetivo “identificar padrões de significado em um conjunto de dados que forneçam uma resposta à questão de pesquisa” (AMARAL, 2019b), dependendo de levantamentos, registros e percepções do pesquisador ao inserir-se e vivenciar o local de estudo, neste caso, a fazenda.

“Em vez de construir modelos teóricos/abstratos *a priori* e depois sobrepô-los à prática, a Análise Temática se preocupa principalmente em caracterizar e resumir percepções e experiências vividas” (AMARAL, 2019b).

Segundo Amaral (2019b), são fases importantes da análise temática: a familiarização com os dados, a geração de códigos iniciais, o agrupamento em

---

<sup>8</sup> Para mais informações sobre *Grounded Theory* ver: Guest G., MacQueen, K., & Namey E. *Applied Thematic Analysis*. SAGE Publications 2011.

códigos ou temas potenciais, a revisão dos temas, e a nomeação e definição deles. É interessante que os títulos sintetizem estes temas através de nomes ou frases de impacto, como por exemplo, uma expressão própria dos habitantes, uma conceituação regional ou até mesmo uma característica forte do lugar.

Os resultados obtidos são frutos da busca e colheita de dentro da própria entrevista. Foram identificadas frases, palavras, gestos, expressões e características comportamentais deles, e trazidos para descrição do modo de vida de cada personagem desta família. Também como forma de síntese, foi feita uma ilustração geral de todos estes conceitos juntos.

f) No intuito de agregar à temática e discussão deste trabalho, algumas conceituações iniciais são importantes e devem ser aqui detalhadas. Abaixo falaremos de: Os três espaços – Espaço, de acordo com a síntese de Lefebvre; e Habitar, Morar e Construir – Entre o rural e o urbano.

### **1.3. Abordagem**

#### **1.3.1. Os Três Espaços**

Lefebvre (1986, apud AMARAL, 2019a) sintetiza que a formação do espaço é feita através de 3 “espaços”: Percebido, Concebido e Vivido. Cada um envolve certos processos, percepções, sensações, princípios e valores.

O espaço percebido é aquele de primeiro contato, que o “senso comum” percebe e reage logo de imediato. Segundo Amaral (2019a) “é o espaço que gera reações imediatas nas pessoas (ir, não-ir, separar, controlar, direcionar, impor, deixar livre, e assim por diante)”.

Por exemplo, o primeiro contato ao chegar na propriedade é uma porteira acompanhada por cercas, que delimitam a área particular. Entre essa barreira e a residência principal existe um pasto com animais (vacas, cavalos e cachorros). Ao atravessar este pasto, nos deparamos com outra porteira em frente à casa, posteriormente dividida em duas estradas dando então acesso à casa do Zé e ao acampamento ou casa do Maestro.

Seguindo na estrada, descendo o vale e depois subindo o morro temos o acesso à casa do Zé, também delimitado por cercas e colchetes. A estrada foi aberta recentemente e o acesso não é tão simples. Já ao seguirmos a curta

estrada que leva para o acampamento e casa do Maestro nos deparamos com um percurso bem marcado e indutivo, que conduz a um estacionamento próximo de uma grande árvore. Logo ao lado o terreno fica mais plano para serem posicionadas as barracas de quem quer acampar.

A paisagem se estende por toda a vista, enquadrando o Morro do Macaco de qualquer lugar em que se esteja. É comum os frequentadores retratarem que sensações de contemplação, admiração, amplitude e proximidade com a natureza costumam ser despertados. Logo, ainda que existam as delimitações do espaço que condicionam em público e privado, todo o conjunto acolhe quem chega, seja através dos cumprimentos ou através da paisagem exuberante.

Percebemos também a simplicidade na moradia, nos modos de falar e de se comportar; hospitalidade, sejam nas histórias e causos sempre contados pelos moradores (uma parte marcante da experiência de quem visita o lugar), seja no modo de tratar os visitantes, na simpatia e preocupação se a visita está confortável, se aceita um café, ou um doce, etc. É característico do local também a simplicidade dos materiais das construções. A maioria está inacabada, sem reboco, sem muito detalhe ou ornamento, porém nas edificações mais recentes percebe-se o aprimoramento de técnicas construtivas, como por exemplo a elegância do madeiramento do telhado.

A conceituação, o espaço concebido, segundo Lefebvre (2013, p.97), em citação de Alves (2019, p.556), é o espaço associado às relações ou modos de produção. “Trata-se do espaço planejado, instituído, aquele das normas técnicas [...] um espaço que normatiza o que os cidadãos podem ou não fazer”. Este espaço concebido seria um espaço abstrato, mas que neste caso foi todo planejado e construído por eles, para atender às necessidades que foram surgindo na fazenda. As edificações foram construídas de acordo com as demandas que iam surgindo, e as possibilidades, vontades e recursos dos proprietários. Percebe-se que eles buscam e buscaram a adaptação do campo ao que a cidade vem trazendo ao longo dos anos, como é o caso do turismo.

No que concerne a este espaço planejado, ele é então o espaço definido pelas delimitações de cada casa, os cômodos de cada uma, as divisões internas, as áreas íntimas e sociais, a varanda, o quintal, os espaços destinados à produção (casa dos queijos), os abrigos dos animais (galinheiro, curral, chiqueiro) e ainda, os espaços de turismo, recepção e coletividade (o

acampamento e a cozinha). Assim, esse espaço distante, das grandes dinâmicas sociais, são intermediados pelo cotidiano, por aquilo que eles puderam fazer, ou seja, por seu mundo possível.

Por fim, o espaço vivido é o misto entre o primeiro espaço imediato (percebido) e esse espaço misto de improvisações (entre a vida possível e as forças para além da fazenda). É essa dimensão, do espaço tal qual vivido, que pretendemos esboçar no capítulo 3.

### **1.3.2. Habitar, Morar e Construir – Entre o rural e o urbano**

Desde que o homem surgiu na superfície da Terra, ele procura formas de se abrigar e proteger. Nessa procura por abrigo, a casa surge e se torna uma das questões centrais das discussões acerca do comportamento e manifestações humanas, garantindo-lhe ainda a função de artefato (OLIVEIRA, 2010), produto e vetor de relações sociais (MENESES, 1984 apud OLIVEIRA, 2010, p.27).

Heidegger (1951) em um ensaio sobre construir e habitar, discorre sobre estes conceitos analisando-os sob a ótica da linguagem e dizendo que construir, na verdade significa habitar, permanecer, residir. Segundo ele, “o construir como habitar, isto é, estar na terra para a experiência cotidiana do ser humano” (tradução da pesquisadora). Oliveira (2010, p.27) cita o autor também: “habitar é a propriedade básica da existência” (HEIDEGGER, 2001, p.128) e retrata a casa como “parte essencial do mundo e do estar em um lugar”. Habitar então:

“Traduz-se no modo como o homem, ao se relacionar as suas possibilidades de ser-no-mundo (através da tecnologia que o possibilita construir uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica, etc) constrói o mundo que o circunda”. (JESUS, 2007, p.2)

É, também, fundamental a discussão acerca dos conceitos de urbano e rural, que apesar de historicamente antagônicos, podem ser na verdade complementares, como retratado por Oliveira (2010). O rural faz parte do urbano e, ambos desenvolvem relações de interdependência percebidas desde as rotinas dos moradores até às moradias, os insumos e materiais, o trabalho, as relações de troca, dentre outras.

Segundo Oliveira (2010), ao longo dos três últimos séculos, as cidades brasileiras se “espremiavam entre os indícios de uma ordem advinda da Europa e

praticada por Portugal”; enquanto que as propriedades rurais tinham sua organização própria e local, contrapondo-se à estrutura urbana. “A contraposição gerava complementaridade.” As cidades cresciam autônomas “aportadas do meio rural, e as propriedades rurais dependiam da cidade para sacramentar a sua riqueza” (p.19), como também para exercer todas as atividades sociais que afirmavam seu papel econômico-político.

Monte-Mór (2006, p.11) esclarece essa dicotomia entre a cidade e o campo no Brasil através de um apanhado histórico que nos mostra a integração e dependência entre eles existente a partir do século XX. Fomentando essa discussão, o autor traz Lefebvre (1969; 1999 apud MONTE-MÓR, 2006) e mostra como ocorreu a passagem da cidade ao urbano e as consequências para o meio rural.

Em um primeiro momento, a cidade – que era o centro político organizacional de certa região e o espaço de bens e serviços da vida em comunidade – passa a atrair um comércio de excedentes que vinham do campo, resultado da entrada da burguesia e sua eventual conquista. Paralelamente, surge um movimento voluntário de êxodo das áreas rurais para as áreas urbanas, a fim de buscar melhores condições e oportunidades, e ocasionando uma dominação da cidade sobre o campo cada vez maior.

“Neste contexto, a produção é centrada no campo, e a cidade, espaço não-produtivo privilegiado dos poderes político e ideológico, retira do excedente produzido no campo as condições de reprodução da classe dominante e de seus servidores diretos, militares e civis, que a habitam.” (MONTE-MÓR, 2006, p. 12)

Enquanto que a cidade é o local destinado a vida social (da produção do trabalho, das trocas e do conhecimento), o campo torna-se o provedor (o explorado) e, com o tempo, o que depende totalmente dos meios e recursos da cidade. Conforme retratado por Monte-Mór (2006), em um segundo momento, caracterizado pelo aparecimento das indústrias, a cidade não apenas controla e comercializa o que vem do meio rural, mas também agrega valor e transforma totalmente as formas de produção do campo. Existindo também uma transformação e a “indústria impõe à cidade sua lógica centrada na produção, e o espaço da cidade [...] passa a ser privatizado e subordinado ao valor de troca”.

“O campo, até então predominantemente isolado e auto-suficiente, passou a depender da cidade para sua própria produção, das

ferramentas e implementos aos bens de consumo de vários tipos, chegando hoje a depender da produção urbano-industrial até para alimentos e bens de consumo básico.” (MONTE-MÓR, 2006, p. 13)

Entender esses posicionamentos nos ajuda a compreender como atualmente esses espaços, no nosso objeto de estudo, hoje se misturam e se complementam. Ou seja, o tecido urbano pode, ainda, se estender para além das delimitações da cidade e abranger todas as manifestações do meio rural.

“O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado das cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano.” (LEFEBVRE, 1999, p.17 apud MONTE-MÓR, 2006, p.14)

A complementaridade neste objeto de estudo é então percebida por meio das relações desenvolvidas entre o meio rural e o meio urbano, como a dependência dos insumos que advém das indústrias, a necessidade de comercialização da produção do campo na cidade, e aos compromissos ou eventos que acontecem apenas na cidade, a exemplo de consultas médicas.

Além destes aspectos, temos ainda a questão da relação do homem com a natureza, que vem mudando muito ao longo dos séculos. Percebemos que hoje existe uma revalorização do contato com a natureza, principalmente após a pandemia de COVID-19, a partir de 2020. Este lugar demonstra um pouco dessa dinâmica, como aprofundaremos a seguir.

## 2. REFAZENDA: HABITAR UMA FAZENDA NO MORRO DO MACACO

A fazenda é o espaço de manifestação das relações sociais com o meio. Ela é casa, trabalho, abrigo (do turista, do morador temporário, dos filhos, daquele que foge da correria da cidade), é espaço para as celebrações culturais e religiosas; é acolhimento da natureza e do homem.

Refazenda<sup>9</sup>, segundo o cantor Gilberto Gil, é uma “rememoração do interior, do convívio com a natureza; reiteração do diálogo com ela e do aprendizado do seu ritmo” (GILBERTO, 2008), um resgate ao modo de vida do homem sertanejo. E no que cabe ao prefixo, o Re trazido na trilogia do cantor, é de acordo com ele (ca. 2008):

“O sentido de retomada, reconstituição, reprodução, o ré nesse sentido de renovação, transformação e restauração. Mas também de recuo, uma marcha ré, num certo sentido para voltar lá atrás, para visitar etapas anteriores [...]. (Informação verbal)<sup>10</sup>”

Gilberto Gil à parte, a Refazenda proposta neste trabalho refere-se às questões de resignificação, transformação e retomada do homem ao meio rural, tendo em vista a fuga do campo para o meio urbano, nos anos 1950 a 1970.

Tendo em vista que as atividades econômicas desta fazenda originam-se no tirar o sustento do chão, vale a pena destacar que “em Goiás o vínculo familiar com a terra é bastante expressivo”, segundo LUNAS e CARDOSO (2018), e “a posse, a vivência e os trabalhos agropecuários compuseram o cotidiano ou permanecem compondo o ideário goiano”.

E no contexto do objeto construído e o meio natural em que está inserido, Franco (1997, p.67) discorre sobre a arquitetura e o meio ambiente trazendo uma visão dualista desta relação, citando inclusive tendências cosmológicas e neurofisiológicas. A autora, ao citar Tuan (1980), “afirma que a maneira do homem se relacionar com o meio ambiente tem muito a ver com as formas topográficas e o grau de visibilidade nas paisagens onde instala seu habitat.”

---

<sup>9</sup> Refazenda é um disco do cantor e compositor Gilberto Gil, lançado em 1975, pela gravadora Philips. Compõe juntamente com os discos Refavela (1977, gravadora Philips) e Realce (1979, gravadora Warner) a Trilogia dos Res, que marcam esses movimentos do cantor, desde à sua infância até o seu amadurecimento musical. É um movimento desde às raízes da formação do cantor Gilberto Gil até as respectivas situações vividas naquela época (informação verbal). (GILBERTO, 2008)

<sup>10</sup> GILBERTO Gil e a Trilogia Re (Realce, Refavela e Refazenda). Publicado pelo Canal Brasil, no programa O Som do Vinil. [Rio de Janeiro: ca. 2008] 1 vídeo (50 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=K3d\\_9TkZkcU](https://www.youtube.com/watch?v=K3d_9TkZkcU)>. Acesso em: mai. 2021.

Assim, dadas a metodologia, a abordagem apresentadas acima e a partir da “Análise Temática”, foram gerados conceitos-chave de acordo com o que foi vivido e vivenciado durante o trabalho. Tais conceitos são apresentados a seguir e nomeados de acordo com expressões típicas dos moradores, suas relações com o meio, trocadilhos e jogos de palavras e de percepção da pesquisadora.

Os conceitos elaborados foram: (2.1) Lugar de fronteira: A relação entre o campo e a cidade; (2.2) “Pegar do chão”: entre o íntimo e o coletivo; (2.3) “É uma parceria, né”: Rede de trocas e encontros; (2.4) “Acabar de chegar”: A ontogenia no meio rural; (2.5) Into the Wild: A relação do esporte com a natureza.

## **2.1. Lugar de fronteira: A relação entre o campo e a cidade**

Ao se desdobrar em outras, seus anexos e afins, a casa rural se configura como espaço de fronteira, aquele que permeia os limites dessas relações e pertence a ambos. Segundo Oliveira (2010, p.15), ela permite ser leitura da confluência e do encontro, “pertencer a ambos os mundos fronteirços, unir e separar simultaneamente” (Lotman apud Buescu, 1999, p. 34). A fazenda do Morro do Macaco é espaço de fronteira entre os meios rural e urbano. Ela pertence aos dois mundos simultaneamente e dialoga com eles o tempo inteiro, mantendo uma relação de troca-troca e dependência.

Para melhor entendermos, é importante nos aprofundarmos nas relações desenvolvidas com o entorno da fazenda, especialmente os centros urbanos mais próximos, como as cidades de Pirenópolis e Cocalzinho de Goiás. É comum os moradores do meio rural precisarem frequentar a cidade mais próxima de vez em quando, seja para realizarem compras ou resolverem assuntos de saúde. E com essa família não é diferente.

Monte-Mór (2006) diz que a cidade e o campo são “elementos socioespaciais opostos e complementares”, e “constituem a centralidade e a periferia do poder na organização espacial”. Essa complementaridade é percebida através das relações dos moradores com a cidade, que conforme é citada por eles, é uma relação de troca-troca baseada principalmente na agricultura familiar. Eles buscam matéria-prima para sua produção na fazenda, e em troca levam o produto final para ser comercializado na cidade, nas feiras. Além do mais, faz parte da relação de troca o câmbio de saberes, costumes,

conhecimentos, experiências, crenças, dentre outros; as trocas de conhecimento, onde tem-se os retratos dos netos que precisaram ir para a cidade no intuito de frequentar à escola; as experiências de trabalho pelo tempo que passaram na cidade, como trabalhar em obras; os costumes e crenças religiosas populares, como as festas, missas e celebrações – um padre geralmente vai até a fazenda realizar uma pequena missa para os moradores e vizinhos; e também a atividade de turismo, que é uma constante troca de pessoas, vivências e renda.

No que cabe à frequência das idas na cidade, uma ou duas vezes por semana a família precisa ir em Cocalzinho ou Pirenópolis. Segundo citado na entrevista, eles preferem Cocal devido a preços e proximidade – a cidade está localizada a 16 km da propriedade – mas quando necessário também vão em Pirenópolis – distante cerca de 30 km. Os motivos mais frequentes das idas e vindas são trabalho e compras.

“Entrevistadora (E) – Desde que vocês mudaram então para cá vocês sempre iam então pra cidade vender as coisas? É isso?”

Zé – É, sempre foi um troca-troca né. Vendia, comprava, vendia, comprava (risos).

(E) – Entendi. É por que a gente fica dependendo né, das coisas da cidade.

Zé – Dependia disso né. Não tem outra renda aqui, e não tinha mesmo né (informação verbal)<sup>11</sup>.”

As compras de insumos de mercearia (como óleo, arroz, feijão, macarrão, etc.) são realizadas quase sempre em Cocalzinho de Goiás, devido aos preços. Por ser uma cidade turística, Pirenópolis possui preços mais elevados, dificultando as compras de produtos básicos de alimentação em geral. Ao serem perguntados sobre qual cidade mais frequentavam e quais eram os motivos, a resposta foi a de que os produtos diferenciados e não encontrados em Cocalzinho, como agropecuários, são comprados em Pirenópolis, conforme foi relatado pelo Zé e a Elenir:

“Entrevistadora (E) – Qual a cidade que vocês mais vão?”

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

Zé – É, *Piri*<sup>12</sup> e *Cocal*.<sup>13</sup> Na verdade a gente compra mais em *Cocal* do que em *Piri*. [...] Geralmente o mercado em *Cocal* sai mais em conta um pouquinho. Tem coisas. E é mais perto, né, 16 km. E Pirenópolis, pra nós são 30 km, porque a gente não passa por cima, passamos por baixo.

Elenir – E os preços acabam sendo mais acessíveis, né.

Zé – A parte de armazém em Cocalzinho é bem melhor. [...] Mas a parte agropecuária eu costumo comprar em Pirenópolis. E a parte alimentação é Cocalzinho.

(E) – E com qual frequência vocês vão na cidade?

Zé – Geralmente toda semana, né.

(E) – Pra feira?

Elenir – Pra feira uma vez na semana.

Zé – E uma vez no meio da semana também.

[...]

(E) – O quê que vocês levavam?

Zé – O que tinha aí nós levava lá e vendia tudo.

D. Ireni – Tudo o que produzia aqui nós levava e vendia.

[...]

Entrevistadora (E) – Vocês só vão na feira no domingo?

Zé – É só domingo. E tem as entregas também que a gente faz. Pessoal dos condomínios sempre pegam coisas.

(E) – É? De onde?

Zé – Do Vagafogo, de Pirenópolis.

(E) – Vocês entregam pra eles? Hum...que bom né.

Zé – É, é bom (informação verbal)<sup>14</sup>.”

Toda a produção da fazenda, sejam doces, frutas, queijos, ovos ou animais, são comercializados na feira de Pirenópolis, aos domingos. O que é produzido no rural é então comercializado no urbano. Eles passam a semana toda organizando, plantando, colhendo, produzindo, alimentando e tratando dos animais, para então venderem seus produtos na cidade. Ou ainda, deixam para entrega em algum condomínio, de vez em quando, e vendem na própria fazenda, caso algum visitante queira. Em Cocalzinho também costumavam ser deixados produtos para venda. Antigamente eles tinham até uma “banquinha” na frente de um mercado, próximo à rodovia, e possuíam freguesia fiel de caminhoneiros e viajantes.

Também parte importante do troca-troca com a cidade são as manifestações populares. Na fazenda é comum a realização de missas e

---

<sup>12</sup> Abreviatura usada para se referir à cidade de Pirenópolis. É muito comum e é falada por moradores e turistas.

<sup>13</sup> Abreviatura usada para se referir à cidade de Cocalzinho de Goiás. É também muito comum e usada por moradores e turistas.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

celebrações com um padre de Pirenópolis, que se dispõe a se deslocar até lá. Tanto é que no conjunto arquitetônico existe uma igreja, ainda em processo de construção, que seria o abrigo dessas manifestações. Para arrecadar fundos para a finalização da igreja, os moradores já realizaram leilões de gados e novilhos, sorteios, rifas e mutirões.

## 2.2. “Pegar do chão”: entre o íntimo e o coletivo

A casa rural vernácula é o desdobrar de seus anexos. Ela não é apenas o edifício sede, mas sim todo o conjunto que abrange as construções próximas dentro do mesmo limite de terreno, como por exemplo, o curral, a casa dos queijos, os banheiros, casas anexas, etc. E a relação da casa como artefato – o abrigo produzido pelo e para o homem – surge no desdobramento desta casa rural com todas as outras construções do local, como diz OLIVEIRA (2010).

“O artefato traduz-se na complexidade – ou será simplicidade? – das respostas encontradas pelos homens em face das circunstâncias do meio. A elaboração de uma sociedade com características próprias determinou a materialização do seu ambiente construído, sem a mediação acadêmica. A vernaculidade é encontrada na manutenção do saber fazer que se molda historicamente e define a tradição local.” (OLIVEIRA, p.169)

Para os moradores, esta casa se apresenta como espaço que permeia o íntimo e o coletivo. É o espaço de trabalho, de descanso, de reunir a família e, principalmente, é motivo de alegria, conquista e sinônimo de orgulho pelo fato de ter sido erguida por eles próprios.

“Zé – A casa, pra gente...só o fato de ser uma casa e você entrar de baixo e falar: não, isso aqui é meu, não tô pagando aluguel. É uma alegria, né. Agora, a casa é um sonho *pra* qualquer pessoa, né. Ter o cantinho sossegado...é o sonho de todo mundo, eu acho. E você construir uma casa também. Pegar do chão, levantar, construir e tá pronto...é uma conquista. [...] Você falar assim: fui eu que comecei, eu que fiz isso aqui e tá funcionando. É uma alegria (informação verbal).<sup>15</sup>”

Oliveira (2010, p.79) cita Rapoport (1997), onde o autor afirma o sentido presente na arquitetura vernácula através de três níveis de percepção do espaço construído, sendo o nível mais alto o sagrado, que retrata esse sentimento de

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

orgulho. “Numa avaliação no alto nível, a casa rural meia-pontense carregava consigo o sentido da civilização e da conquista, porque era a concretização da ocupação de um espaço a ser desbravado.”

Quanto às particularidades da construção da casa, para Lemos, citado por Oliveira (2010), a arquitetura do edifício é fruto de uma relação entre programa de necessidades, técnicas construtivas e meio ambiente, ocorrendo uma mistura na relação entre elas. “[...] em algumas casas estudadas, o programa de necessidades e as técnicas construtivas desenvolvem juntos um saber-fazer que se aperfeiçoa com base no domínio dos recursos do ambiente”. (LE MOS, 1999, p. 19-46, apud OLIVEIRA, 2010)

A arquitetura rural é também muito marcada por esse saber fazer passado por tradição, através de costumes locais. E com essa família goiana não foi muito diferente. Eles contam como construíram a casa em que moram:

“Zé – *Tava* com dezoito anos. Eu ficava mais em Pirenópolis estudando. Aí depois eu vim pra cá...meu pai caiu *dum* cavalinho e eu tinha que ficar aqui. Aí nisso eu fui ficando aqui, eu falei *nós tem* que fazer uma casa. Nós *mexia* pra baixo e pra cima, cortando *trem*, mexendo numas coisas minhas.

D. Ireni – Ele ficava mais era na rua com a vó dele lá.

Zé – Aí eu fiz aqueles blocos de cimento. [...] Nós *comprou* a areia, é...areia não, *comprou* o cimento. Aí eu arrumei uma forma daquelas de fazer bloco, nós *puxou* a areia no rio ali e fez os blocos tudo aqui, dessa casa (informação verbal).<sup>16</sup>”

De acordo com Oliver (1978, 1987, 1997) e Rapoport (1972, 1993, 1997), citados por OLIVEIRA (2010, p.21), “essa arquitetura é uma produção coletiva, pois é fruto de decisões selecionadas por uma sociedade ao longo do tempo, visando satisfazer suas necessidades [...], supridas mediante os recursos disponíveis”. A produção da casa e seus respectivos aspectos construtivos não se desprende dos fatores naturais, físicos ou culturais do meio que a envolve. Segundo os autores, as pesquisas sobre a arquitetura vernácula estão pautadas na “inseparabilidade do objeto arquitetônico e seu produtor”.

Como retratado por Oliveira (2010, p. 74), a arquitetura responde às atividades econômicas e cria os espaços adequados para atendê-las. Segundo a autora “no meio rural, a necessidade de operacionalizar as atividades

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

produtivas não altera o agenciamento da morada, mas agrega-lhe vários anexos, geridos pela funcionalidade” (2010, p. 418). Esta fazenda é um exemplo dessa relação terra-casa-sustento e das atividades econômicas desenvolvidas.

Pegar do chão, como dito pelos moradores, é erguer a casa, é tirar do chão o próprio sustento, seja ela a construção do abrigo, ou o alimento. É plantar, colher, construir as paredes da casa, puxar areia do rio, etc. Logo, as construções do conjunto rural surgem atreladas a essas atividades. No caso desta fazenda, elas são divididas de acordo com: os espaços para os animais, os espaços de trabalho, os espaços de morada/ descanso, e os espaços coletivos.

Os espaços para os animais são os abrigos destinados ao trato e cuidados deles, como galinheiro, curral e chiqueiro. O curral está localizado logo na entrada, possuindo área coberta e cercado por porteiras e cercas de madeira. É o espaço onde o leite é tirado, geralmente uma ou duas vezes por dia. O galinheiro está no quintal, amplo e de frente para os espaços de produção da casa-sede. Ele está próximo às árvores frutíferas e mais altas, que é para abrigo das galinhas. Já o chiqueiro está em uma cota mais baixa e distante da fazenda, no fundo do terreno. O local é cercado por cercas de madeira e arames e é destinado ao abrigo de porcos.

São espaços de trabalho os anexos de produção, como a rebaixa, onde é feita a rapadura, e a casa dos queijos, onde são produzidos queijos, doces, compostas, geleias, e armazenadas frutas e demais produtos.

Os espaços de morada e descanso são os cômodos íntimos e a casa propriamente dita, visto que existe um distanciamento do acesso a tais cômodos. Os visitantes são convidados a adentrar a cozinha ou a sala, existindo uma relação de privacidade com o acesso aos espaços internos. Também fazem parte destes espaços as casas presentes nos limites: a casa do Zé (filho da dona Ireni) e a casa do Maestro (escalador e músico). Ambas possuem suas organizações funcionais de áreas íntimas e coletivas, como as varandas e salas, mantendo também a relação de privacidade com o setor íntimo de cada uma.

E quanto aos espaços coletivos, são eles as varandas, as salas das casas, e principalmente o acampamento, com a cozinha e banheiros. É um local

caracteristicamente público, de recepção de pessoas e convívio com todos. Os moradores inclusive costumam frequentar esse local para se reunir com os outros, conhecê-los e partilhar refeições.

Assim, os espaços foram se conformando de acordo com as demandas locais através de esforço conjunto para a construção e manutenção de cada ambiente e da família.

### **2.3. “É uma parceria, né”: Rede de trocas e encontros**

O meio rural é marcado pela ajuda mútua entre membros de uma rede social existente composta por amigos, vizinhos e familiares. Às vezes os donos da terra precisavam construir a casa em que iam morar, ou roçar o mato, por exemplo, e para tanto precisavam de ajuda com mão de obra ou matéria prima. Os vizinhos e amigos então se juntavam e iam para a terra ajudar na construção da casa, ajudar no trabalho todo. Segundo relatos dos proprietários da fazenda em Pirenópolis, antigamente existiam mutirões com mais de 40 pessoas colaborando para a obra acontecer, e que duravam mais de um mês, se fosse necessário.

“D. Ireni – Teve aquela vez, né, que trabalhava doze homens todo dia, a semana inteira, quando tinha bananal aí...tinha serviço demais, roçava pasto. Aí teve um dia que fizemos um mutirão no sábado e deu quinze pessoas. Aí quando foi na segunda-feira até no outro sábado ainda tinha doze homens trabalhando (informação verbal).<sup>17</sup>”

E é interessante também o fato de que no meio rural existe o costume de se fazer uma festa ao fim de cada trabalho, seja o mês ou a semana, para comemorar a conclusão da obra e agradecer pelo trabalho de todos. As pessoas trabalhavam para ganhar a festa. Uma festa onde cada família leva uma comida, uma doação para leilão, ou um saco de arroz ou feijão para contribuir com o jantar, por exemplo. Como citado pelo proprietário, “um mutirão, uma festa”.

Nesta fazenda, inclusive, eles fizeram mutirões para a construção de quase todas as construções que existem lá. Mas, segundo um deles, mutirão hoje em dia é difícil, ninguém aparece. Para a construção da igreja – ainda em

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

andamento –, apenas quatro pessoas compareceram, incluindo o próprio morador.

“Entrevistadora (E) – Vocês falaram que teve uma época em que houveram mutirões aqui. Como é a relação com os vizinhos? Vocês conhecem bem todos os vizinhos, todo mundo aqui perto? Os mais próximos...”

Zé – Conhece. Assim, agora mudou muito né. É igual você tava falando do mutirão. Na época do mutirão todo mundo era mesma *lida* né, tudo era no braço, aí eles faziam mutirão, roçava pasto, subia a casa, um limpava a roça do outro, era festa todo sábado.

(E) – Um mutirão, uma festa?!

Zé – Um mutirão, uma festa. E o povo trabalhava, fazia mutirão, fazia mutirão, e eles faziam o serviço pra ganhar a festa. Trabalhava pra ajudar o outro. Hoje se fizer um mutirão, não funciona, né.

(E) – Não vem ninguém?

Zé – Os que vai às vezes...o que *tava* acontecendo agora era que fazia e tal, mas quando chegava uma certa hora, dormia, deitava debaixo de uma árvore...trabalhar que é bom...(risos)

(E) – Não trabalhava.

Zé – E queria a festa, né (informação verbal)<sup>18</sup>.”

Embora exista essa queixa do trabalho mútuo ter acabado, ainda existe a presença de amigos e familiares nas construções atuais. Mas é claro que o contexto desses mutirões é bem diferente de anos atrás. As famílias diminuíram, os filhos se mudaram para a cidade, fizeram faculdade, tiveram pouco convívio com a terra, foram influenciados de outras formas pela contemporaneidade.

A simplicidade da vida no meio rural faz com que as redes de trocas e encontros sejam mais fortes e firmes do que as da cidade. As famílias conhecem as famílias vizinhas, frequentam as casas umas das outras, realizam festas, leilões e missas, participam em mutirões. E assim, vão se conhecendo, emprestando equipamentos, quando necessário, oferecendo mão de obra, visitando o vizinho aos domingos, ajudando e sendo ajudado, de acordo com o que vai surgindo. Todos esses fatores, junto do trabalho em si, da lida diária de cada um, auxiliam na aproximação das pessoas que vivem no campo, organizando quase que uma rede social.

Como parte dessa rede social e complemento do sustento da fazenda, existe também a visita de turistas, atletas (ciclistas, escaladores, corredores de montanha, trilheiros), amigos e outras pessoas que queiram passar um tempo

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

na natureza e acampar no local. Às vezes chegam pessoas que nunca sequer montaram uma barraca, como citado pelos moradores em entrevista<sup>19</sup>, pessoas que “vêm só pra ficar descansando, passar uns dias e sair do barulho” da cidade, mas que estão tão confusos com a rotina da cidade, que só querem um pouco de paz para a cabeça. E lá elas encontram.

“Entrevistadora (E) – E o quê que você acha que traz as pessoas pra cá hoje? Por quê que as pessoas vem?”

Zé – Ah, diversos motivos. Um *bucado* é pra fugir do barulho, outro pra escalar mesmo, se divertir e refrescar a cabeça, né.

(E) – Uhum.

Zé – Já teve caso de gente que veio, igual com o *Pezão*, pra tratar, tava com depressão e então veio. E foi bom demais. Inclusive continuam vindo até hoje, depois do tratamento, né. Então, acho que tá ajudando muita gente, né.

(E) – Uhum.

Zé – Sai lá da rua, às vezes tá assim deprimido...e então vem, pega uma energia diferente, melhora o corpo, a cabeça (informação verbal).<sup>20</sup>

Caso queiram, os hóspedes são recebidos com café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar durante a estadia. Existe uma infraestrutura coletiva que dá suporte ao acampamento e é composta por cozinha e banheiros. É tudo aberto, receptivo, simples e bem organizado, possibilitando que os visitantes fiquem à vontade e preparem suas refeições, caso desejem. Além da infraestrutura que acolhe essas pessoas, o Maestro, escalador inquilino da casa em frente ao acampamento, trabalha como guia no local. Ele propõe roteiros de aventura para quem tiver interesse, como por exemplo, caminhadas até as cachoeiras, *caminhadas* (percursos longos, de mais de um dia), escaladas guiadas, e outras experiências na natureza.

Entrevistadora (E) – Quem são essas pessoas que frequentam, que vem aqui, e desde quando? Vem mais gente além de escalador?

Zé – Vem. Vem gente pra escalar, pra fazer caminhada, só pra ficar descansando, passar uns dias e sair do barulho...vem de tudo né.

(E) – Uhum. E qual que é o impacto disso aqui na vida de vocês? No dia a dia?

Zé – É muito bom essa parceria, porque é uma parceria né. É uma coisa boa, né. A gente faz amizade, mais amigos, mais gente, e tudo gente boa.

(E) – Mas você acha que é bom pra vocês, né? A amizade, o convívio...

Elenir – A economia também vai aumentando né.

(E) – É uma forma de sustento pra vocês, né?

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

<sup>20</sup> Ibid., 2021.

Elenir – Já é uma forma de sustento também (informação verbal).<sup>21</sup>

Assim, a fazenda possui uma própria rede que possibilita as trocas e encontros, organizando-se e proporcionando que vínculos sejam criados, experiências sejam compartilhadas e parcerias sejam firmadas.

#### **2.4. “Acabar de chegar”: A ontogenia no meio rural**

A matéria da ontogenia é definida aqui, conforme Faganello e Iarozinski (2020), como sendo “aquilo que foi adquirido pela relação do indivíduo com o seu meio e outros indivíduos, sua autorreferência” e ainda, “a construção histórica da vida do sujeito”. Os autores discutem sobre percepções e apropriações dos indivíduos quanto ao meio ambiente físico de acordo com abordagens cognitivas, que são aquelas vinculadas às sensações e experiências. Para eles, para análise dessas interações existe uma circularidade na relação pessoa/ambiente, onde ambos são produtores e produtos, devendo ser levado em conta também, o ponto de vista individual de cada um.

“O reconhecimento desta circularidade da influência da ontogenia, conduta e ação potencial sugere reconhecer as relações significativas entre indivíduo-ambiente que influenciam e são influenciados pela utilização dos ambientes construídos.” (FAGANELLO e IAROZINSKI, 2020, p. 21)

Considerando, então, o nosso objeto de análise, ambiente construído e indivíduos, seguimos para a compreensão de como estas pessoas se inserem no meio, como se expressam e como enxergam este espaço construído. Para tal, a contação de histórias e a hospitalidade foram fatores fundamentais percebidos e são abaixo retratados.

Desde a primeira vez que cheguei naquele lugar, sempre foi do mesmo jeito. Chego, paro na porteira, bato palmas, grito um “ô de casa”, e ao ir entrando pelo quintal, alguém já aparece e dá um salve: “Acabar de chegar.”

Assim chegando, a conversa mansa já nos conduz para a varanda ao fundo, próxima da bica-d’água, que é pra ninguém parar o serviço. Eles já vão puxando um banco para gente sentar ou chamam para ir pra dentro, oferecem

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

um doce, um café...e se tiver alguma panela no fogo, pode esperar que você vai ser convidado para a refeição. A disposição e o coração sempre aberto para receber quem quer que chegasse à porta são características fortes e muito presentes nessa família.

Durante a entrevista, a dona da casa fez curau, me alertou várias vezes que ele estaria esfriando e poderia ficar ruim – até porque a entrevista já durava mais de hora e ela estava preocupada com a minha demora pra comer –, me ofereceu repelente e até colocou cartela de ovo para queimar e assim diminuir os mosquitos que tentavam atrapalhar a nossa conversa. Vira e mexe, durante a entrevista, eles interrompiam a lógica do roteiro (que eu tentava seguir de forma confusa e inexperiente), surgiam com contações de causos e histórias, perguntavam se eu queria mudar de lugar (o sol da tarde já estava descendo e começando a ofuscar a vista), faziam comentários sobre as tarefas domésticas e o trabalho que havia sido suspenso para a realização daquela conversa toda, e tudo isso acompanhado de muito bom humor e simpatia.

A cada visita uma nova história é descoberta, um novo banco é oferecido e, um novo caso é contado. Nesta entrevista, sentei em três lugares diferentes alternando entre cozinha e varanda: dentro da casa, enquanto ela (a dona Ireni) ainda preparava o curau; do lado de fora, durante a entrevista (com toda a família presente), no banco posicionado estrategicamente para receber as visitas; e novamente do lado de dentro, só que agora em outra cadeira, para comer o tal curau.

“De acordo com Leal (1980, p.48), a hospitalidade era uma característica dos homens de Goiás, e afirmou: “estes humildes sitiante, nem pobres, nem ricos, têm sempre o coração aberto para receberem o visitante com agrado, dispensando-lhe tudo que está ao seu alcance e muitas vezes sem aceitarem remuneração”. (OLIVEIRA, p. 234)

Buscando retratar essa característica dos moradores, foram trazidas duas histórias de épocas distintas, contadas pela dona Ireni durante a entrevista. Ela é uma senhora de personalidade marcante, linguajar diversificado, que adora contar um caso ou outro e está sempre preparada para a chegada do ouvinte. A primeira é sobre quando o seu Inácio caiu do cavalo e o Zé precisou voltar para a roça para tomar conta dos afazeres da fazenda. E a segunda é sobre como eram as vendas dos produtos em Cocalzinho.

“D. Ireni – Uai ele <o filho, Zé> *tava* na rua, eu tinha vontade que ele estudasse e arrumasse um emprego. Inácio é muito teimoso e não pode esperar eu pra levar a merenda, o almoço pra uns rapaz que *tava* quebrando milho lá na roça, lá perto da serra, lá em *riba* né. Aí eu falei ‘eu vou só pegar uma roupa que tá no quarador ali molhado e por elas de molho e jogar uma quilera pra umas galinhas de pintinho novo e nós *vai*.’ Eram dois cavalos. Ele arreou um pra mim e outro pra ele. Aí ele montou no dele que era mais novo, mais acelerado. Eu falei espera, Inácio. Aí ele: ‘não, que *cê* fica enrolada e não sei o que’. E eu: ‘não, mas não tá passado de hora. Eu vou *panhar* quilera pros pintos e *cê* vai fechar a casa.’ Aí ele não pôde esperar não. Montou no cavalo, tirou a sapiquara.<sup>22</sup>

[...]

D. Ireni – Aí ele tirou as vasilhas do almoço que *tava* no cavalo meu e pôs no dele, que é mais...cismado. Aquele cavalinho do Zé. Aí foi. Chegou lá na subida *pra* lá daquele *corgo* lá, passando por meio das pedras assim, os sacos espichou no rumo das cadeiras do cavalo e ele bateu os pratos, prá-prá na cadeira dele, e esse cavalo riou. O zetelo<sup>23</sup> agarrou a pular, pular, pulou até...Inácio cai nas pedras lá. Relou a cara, relou a costela, rasgou a roupa. E ele dando coice ainda, numa pedra. E a sorte é que Inácio caiu *pra* baixo e o cavalão pulando pra frente, e nisso mandando o calcanhar, o pé no...na pedra lá, o cavalo. Machucou o pé tudo. [...] E os *trem* batendo. Enquanto não derrubou tudo no chão ele não quietou. [...] E ele caiu também. Aí o Zé teve que vim pra cá *pra* ficar tomando conta da *serviceira* aí...e não pôde mais seguir o estudo (informação verbal).<sup>24</sup>

“D. Ireni – E nós ficava na porta do Zé Gambira, não sei se *cê* conhece ele ali em Cocalzinho, e lá tinha um *arvoredão* na frente, e ele falou “ah, *cês* pode parar aqui na frente ó e vender suas coisas”.

[...] Quando era uma hora dessas assim no sábado os caminhoneiros *ia* comprar as coisas pra levar pra família deles, aí comprava frango, comprava queijo, comprava linguiça, comprava pernil, toicinho, aí fazia uma *feirona* pra levar...rapadura, banana, pegava muita coisa nossa.

[...]

D. Ireni – Ele ajudou que ele deu chance pra nós ficar lá na frente...e teve um dia que *nós* *achou* graça. Tinha levado um tanto de frango mas tinha um que não quis empenar, ficou pelado, saiu as peninhas na asa, no rabo né, umas peninhas poucas no pescoço. Levei ele assim mesmo. Chegou lá o Zé Gambira falou “hoje tá meio devagar, o primeiro freguês que vir tem que fazer ele rir pra freguesia abrir” (risos). E ele era contador de história, fazedor de graça. Aí quando foi chegando mais tarde, foi aparecendo mais gente pra comprar. Aí ele já pegou esse frango lá e falou “ó gente, o frango *mió* daqui e *ocês* *tão* escolhendo os outros. Esse é o maior, o mais gordo e ele é de raça.” Veio uma mulher de lá e encantou com o frango, e comprou o frango.

---

<sup>22</sup> Sapiquara, segundo a entrevistada (FIGUEIREDO, 2021) é um saco para os dois lados com uma costura no meio. Serve para colocar no cavalo e possibilitar que se carreguem coisas. (Informação verbal)

<sup>23</sup> Zetelo é sinônimo de confusão, segundo a entrevistada (FIGUEIREDO, 2021). (Informação verbal)

<sup>24</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

Ela deu até mais um dinheirinho nele, que ele era maior né. Ela falou “não, mas ele vale mais.” Aí ele garrou a contar umas piadas lá e fez todo mundo rir. Daí os caminhoneiros já *tavam* arrumando pra ir embora, iam passando lá e comprando. Acabou que eu mais Zé vendeu banana, queijo, o *capadinho* que ele levou vendeu tudo. Eu falei “uai mas engraçado demais...o homem faz graça...(risos).” (Informação verbal).<sup>25</sup>

Rapoport (1997 apud Oliveira, 2010) afirma que “qualquer edificação, incluindo a vernácula, comunica sentido, porque é o meio em que determinadas mensagens guiam o comportamento dos componentes da sociedade.” Assim como na arquitetura, quanto ao ordenamento dos espaços e mobiliários no desenrolar das características dos moradores, podemos fazer uma ligação também com o seu espaço mais amplo da vida; e como suas relações com as pessoas e com o lugar vão construindo cotidianamente a ontogenia dos moradores no próprio meio rural: nos seus mais duros percalços e nas suas mais simples alegrias.

## 2.5. Into the wild<sup>26</sup>: A relação do esporte com a natureza

Um momento chave de transformação do lugar, foi a ida do escalador, o Maestro, para a fazenda, em 2017. Em entrevista, ele diz que se sente uma pessoa de muita sorte por ter vivido naquele momento, ter desapegado e se mudado para a casa, de frente para o Morro do Macaco. O motivo principal dele foi a vontade de viver a escalada ancorado na fuga da correria da cidade. Em Goiânia ele trabalhava com música e tentava escalar nos finais de semana. Ele já tinha uma familiaridade com o campo, pelos tempos de criança, de quando ia passar férias na roça da família.

“Maestro – Então dava aulas de música durante a semana, de manhã e à tarde. Aí tinham shows no fim de semana, casamentos, formaturas...tudo no fim de semana, né. Então ia emendando. E conseqüentemente, depois das aulas de música durante a semana, de noite, tinham ensaios, para poder fazer as coisas pros eventos. Então imagina...o show não começa cedo, você não dorme cedo. Você vai emendando assim....sua vida vai ficando uma *doidera*, né. E eu fui

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José J. Entrevista I. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

<sup>26</sup> *Into the wild* é o título de um filme produzido nos Estados Unidos em 2007, onde a tradução para o português é Na Natureza Selvagem. No filme, o protagonista abandona o conforto da vida e sai em busca de uma jornada de autoconhecimento e descobertas, se tornando um símbolo da relação entre o homem e a natureza. É baseado em uma história real.

muito extremo nesse ponto da música. Então quando eu quis ver como é o contrário, eu quis também ir pro extremo. Eu falei assim “então eu vou pra roça, vou escalar e vou ver como que é viver na roça.

Entrevistadora (E) – Seu motivo principal era a escalada?

Maestro – Era escalar mas também era uma certa fuga, da cidade. A escalada era só um incentivo maior pra aquele impulso principal, entende? (Informação verbal).<sup>27</sup>

A escalada já existia no local há vários anos, com acesso pela fazenda vizinha, a do o seu Inácio (irmão da dona Ireni). Com a mudança do Maestro para a casa antiga do caseiro, amigos escaladores passaram a utilizar também este outro ponto para acesso à pedra, tornando o local mais movimentado do que os proprietários estavam acostumados e criando este novo ponto de acesso para escaladores. Daí por diante o esporte foi se tornando cada dia mais presente no cotidiano da família da fazenda. Sempre que os visitantes estão por lá eles cumprimentam um ao outro, compartilham um dedo de prosa, compram queijos e doces da fazenda, e fomentam esse compartilhamento de experiências. O Maestro conta, inclusive, que já até levou alguns deles para escalarem e eles adoraram.

Em 2018, surge o acampamento do Morro do Macaco, que segundo o Maestro, veio de forma natural, a partir dessa movimentação por parte dos amigos, músicos e escaladores que costumavam frequentar sua casa. Ele retrata que costumavam ficar todos amontoados, e era muita gente para pouco espaço, dividindo um banheiro apenas. O pontapé inicial para a inauguração do acampamento foi um festival de escalada, o *Xivaldo*, que aconteceu na própria fazenda, assim que os banheiros ficaram prontos. Ele foi inicialmente pensado pelo Maestro e amigos, e contou com a participação de muitas pessoas vindas de diversas cidades vizinhas. Os proprietários da fazenda acataram a ideia, construíram os banheiros e organizaram tudo para que fosse uma estrutura a ser mantida e usada após o festival.

“Entrevistadora (E) – E como que foi o surgimento do acampamento? Você participou, né, você foi uma figura muito forte pra que isso acontecesse, você trabalhou pra isso. E como que foi? Há quanto tempo?

Maestro – Na verdade acho que foi uma coisa natural, assim, sabe. No ano que eu mudei pra cá, automaticamente meus amigos todos começaram a vir pra cá também, por causa da escalada né...e o lugar, que é incrível, né. E minha casa já não comportava tantas pessoas,

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por MAGALHÃES, Eric. Entrevista II. [jun. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

entendeu? E aí esse movimento da minha casa, foi o que a gente chamou de *Xivaldo*.  
[...]

Entrevistadora (E) – Aí teve esse movimento todo para a criação de um camping?

Maestro – É. Acho que a gente ficou pensando nesse festival, essa coisa, e aí isso foi tomando uma dimensão, foi materializando, sabe? Daí essa ideia atingiu os donos da fazenda, né, o Zé, que tá aí, cabeça ativa, tá fazendo as coisas. Aí ele já também, como que fala...ele se entregou naquilo, né.

(E) – Como foi a ideia do *Xivaldo*? Porque ele me contou que você chegou com uma ideia pra ele, e ele, uai, *vamo* então (risos).

Maestro – É. Porque assim, não existia um plano, sabe? Todo mundo vinha *pra cá*. E isso já era um festival, a gente enxerga.

(E) – Uhum.

Maestro – E a gente chamou esse movimento de *Xivaldo*. Só que a gente marcou uma data. Falamos assim, “então vamos fazer numa data, *pra* ficar histórico, né”. E aí, foi assim que a gente foi falar com o Zé, né, “ô Zé, tal data a gente vai trazer um monte de gente *pra cá*.” (Informação verbal)<sup>28</sup>

Posteriormente, em 2019, os proprietários (com a ajuda de alguns colaboradores e numa tentativa de resgate ao formato de mutirão) ergueram uma cozinha coletiva para atender às demandas do camping. Ela foi construída, segundo o Maestro, “como uma ideia de futuramente fazer de novo o mesmo festival e ter uma [...] melhoria” (informação verbal)<sup>29</sup>. Com o passar do tempo o número de frequentadores do local aumentou bastante, acolhendo não apenas escaladores, mas quaisquer pessoas que desejassem um convívio mais próximo com a natureza, como ciclistas, trilheiros e até mesmo psicólogos que levaram seus pacientes em tratamento para uma mudança de ares.

“Entrevistadora (E) – E essas pessoas que vêm pra cá hoje, quem são? Elas vêm por quê? Fazer o quê?”

Maestro – Eu acho que é um momento muito especial, sabe. Como a gente tá no meio de uma pandemia, essas coisas assim....daí tem o pessoal que vêm escalar, mas essas pessoas não usam muito o acampamento, poucos usam. [...] Aí vem um pessoal, assim mais que tá...*vamo* dizer, debilitado da parada da cidade, sabe? Do cansaço da cidade, *vamo* dizer.

(E) – E isso eles te falam?

Maestro – *Aham*. As pessoas vêm já em busca de uma certa...*vamo* dizer, paz. Mas na verdade tá querendo experimentar alguma coisa.

---

<sup>28</sup> O *Xivaldo* foi o nome dado a um Festival de Escalada que aconteceu nesta fazenda do Morro do Macaco, em 2018. Um evento que reuniu escaladores, esportistas, proprietários da fazenda e simpatizantes do esporte, em um final de semana do mês de junho. O evento contou com espaço para acampar, venda de produtos típicos da fazenda, fornecimento de café da manhã/almoço/jantar para quem estava hospedado, shows e roda de fogueira à noite.

<sup>29</sup> Entrevista concedida por MAGALHÃES, Eric. Entrevista II. [jun. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

Qualquer coisa, pode ser uma caminhada, um cachoeira, uma escalada.

(E) – Que é isso que você faz com elas? Leva elas pra conhecer o entorno...

Maestro – É, isso. Ao mesmo tempo tá aparecendo mais pessoas que escalam e estão gostando do esporte. Tá saindo um pouco da cidade e vindo ter o refúgio, né. É gente que trabalha lá e cansa, e vem aqui, descansa. É basicamente essas pessoas que vem pra cá” (informação verbal<sup>30</sup>).

No que cabe ao contato com a natureza, o Maestro realiza passeios outdoor, leva as pessoas em cachoeiras, em caminhadas longas com pernoite e acampamento, leva para escalar e o que mais for surgindo no meio do roteiro. Por várias vezes ele interpreta o psicólogo (para aqueles que querem desabafar) o professor (para quem quer aprender algo diferente) e o guia, é claro, sendo este trabalho responsável por incrementar a renda dele. É interessante também falarmos sobre a percepção que ele tem da natureza, sendo ela um espaço de conexão, felicidade, amor e simplicidade: “ela flui, não tem pressão”, é um espaço de compreensão do momento atual, do seu espaço no mundo:

“Entrevistadora (E) – A compreensão que você fala, é o que? [...]

Maestro – É porque a gente não consegue ficar em pé no mundo sem nada. A gente precisa fazer alguma coisa. Tipo ganhar dinheiro, por exemplo. Sem o dinheiro a gente não consegue fazer muitas coisas. Então a gente tem que ir desenvolvendo alguma coisa, né. Aí às vezes aqui eu já tô na roça, aí tem que alimentar, e já dá pra plantar. Dá pra economizar um dinheiro, e aí você consegue...sabe?!

(E) – Uhum.

Maestro – É outra vida, sabe. Antigamente era mais só o trabalhar pelo dinheiro. Aí você tinha muito dinheiro e tinha que ficar comprando umas coisas ali, pra ficar feliz e tal. Agora aqui é diferente, né.

(E) – É diferente?

Maestro – É diferente.

(E) – O quê que te faz feliz aqui hoje?

Maestro – Eu acho que a sinceridade, sabe. Porque a natureza é o que é. Ela flui, ela não tem pressão, sabe. O dia passa, o sol vai, o dia, a noite. Isso é natural. Lá na cidade não é. Lá as horas são marcadas pra você fazer isso e aquilo, e aí você perde os movimentos naturais, entende?

(E) – Uhum.

Maestro – Então essa conexão com a natureza é o que eu sinto assim que é o verdadeiro. É o que eu falo de compreensão, da pessoa compreender o momento, da conexão com o mundo. Respeitar isso, né. Porque isso é...fato, né. Isso não é história, não tá num livro. Acho que todo ser humano devia um dia ir pra natureza e ficar lá um tempo. É de lá que a gente vem né. (Informação verbal)<sup>31</sup>”

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida por MAGALHÃES, Eric. Entrevista II. [jun. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

<sup>31</sup> Entrevista concedida por MAGALHÃES, Eric. Entrevista II. [jun. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste trabalho.

### 3. SÍNTESES ESPACIAIS

No que cabe às sínteses visuais e espaciais, este trabalho traz representações que são resultados dos registros feitos in loco e da interpretação do espaço vivenciado. “Através dos múltiplos elementos que compõe a cena [...] as imagens constroem mitos, contam histórias e registram tempos, lugares e sentimentos, sintetizando uma série de eventos e representações.” (ESTEVES, 2009). A seguir temos uma nuvem de palavras que sintetiza os assuntos abordados ao longo do estudo.

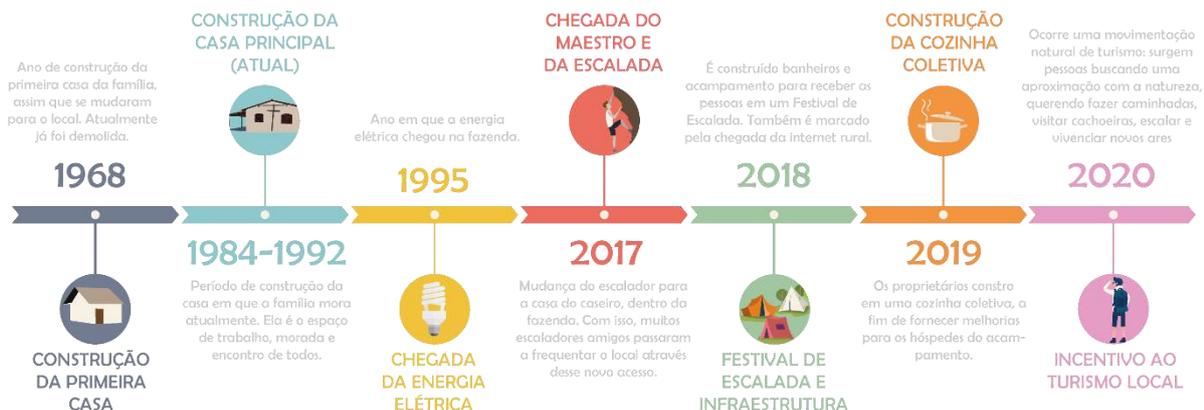
**Infográfico 1** - Nuvem com os conceitos-chave do trabalho



Fonte 1: Elaborado pela pesquisadora.

No intuito de resumir alguns acontecimentos principais, foi feito também uma linha do tempo com as grandes mudanças que ocorreram na fazenda, como podemos ver abaixo.

**Infográfico 2** - Linha do tempo



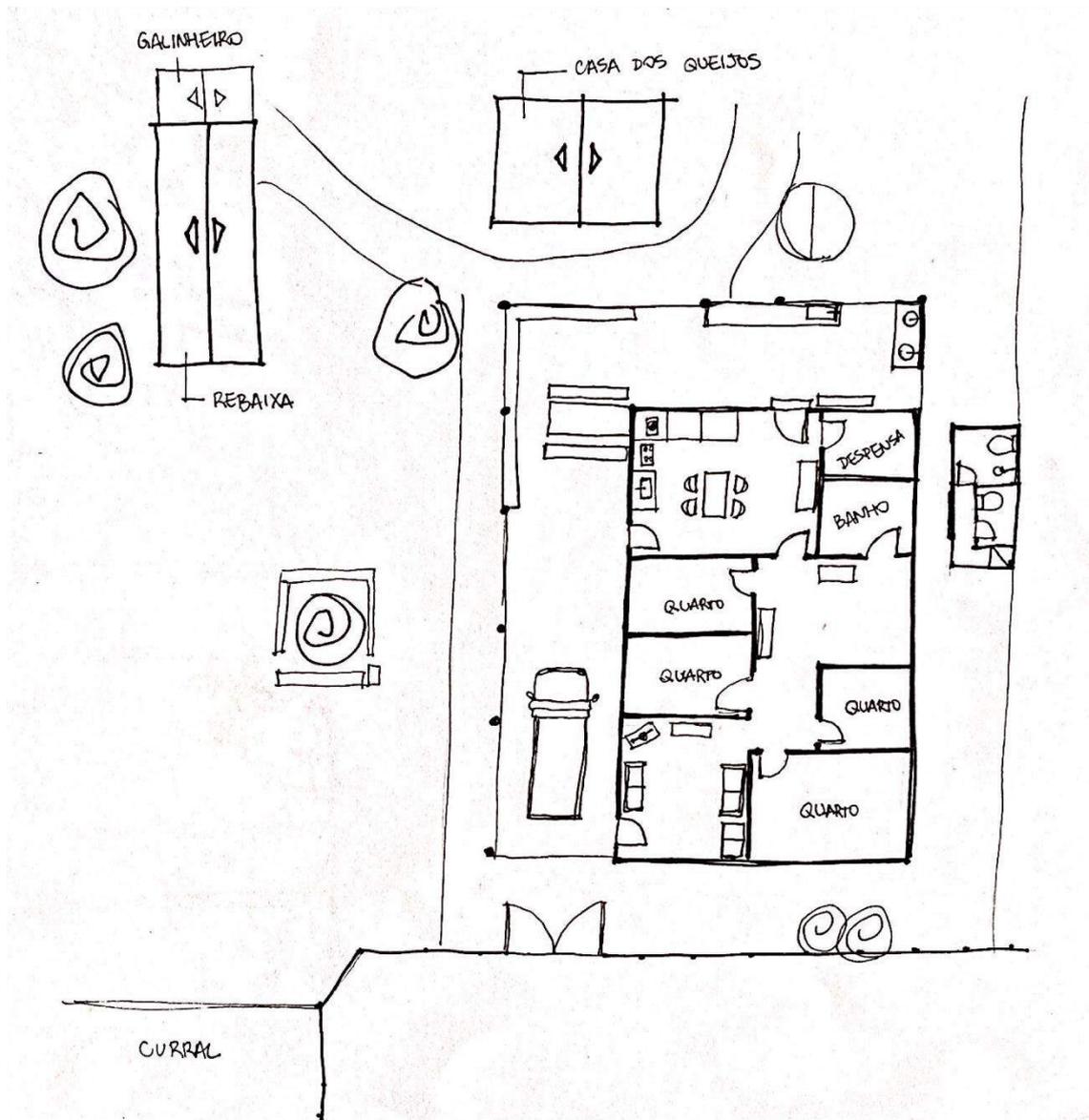
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em 1968 a família se mudou para o local e construiu a primeira casa, a qual possuía apenas quatro cômodos. No intervalo entre 1984 a 1992 eles constroem a segunda casa, a que moram até os dias atuais. Ela passou por duas etapas de construção. Primeiramente foi erguida para que eles desocupassem logo a antiga casinha, e alguns anos depois, dentro desse mesmo período, ela foi reformada e a cozinha ampliada. Os anos 90 foram marcados pela chegada da energia na região, sendo que em 1995 foi possível trazê-la para a fazenda.

Em 2017, a casa que foi construída para o caseiro é então desocupada e alugada para um escalador. A escalada já estava sendo difundida há alguns anos, pelo acesso da fazenda vizinha, porém com a mudança do Maestro para o local, muitas pessoas começaram a frequentar a fazenda. Essa movimentação foi recebida de braços abertos pelos proprietários, que em 2018 construíram uma infraestrutura de acampamento para receber escaladores em um festival de escalada, chamado de Xivaldo. A partir de 2018 eles começam a realizar melhorias no espaço do acampamento e aos poucos vão atraindo mais e mais pessoas. Em 2019 é construída uma cozinha coletiva e chega a internet rural para facilitar a comunicação de todos. E já em 2020 surge um movimento natural de turismo, onde outras pessoas – que não eram escaladores – passam a frequentar o local, buscando momentos de paz e contato com a natureza.

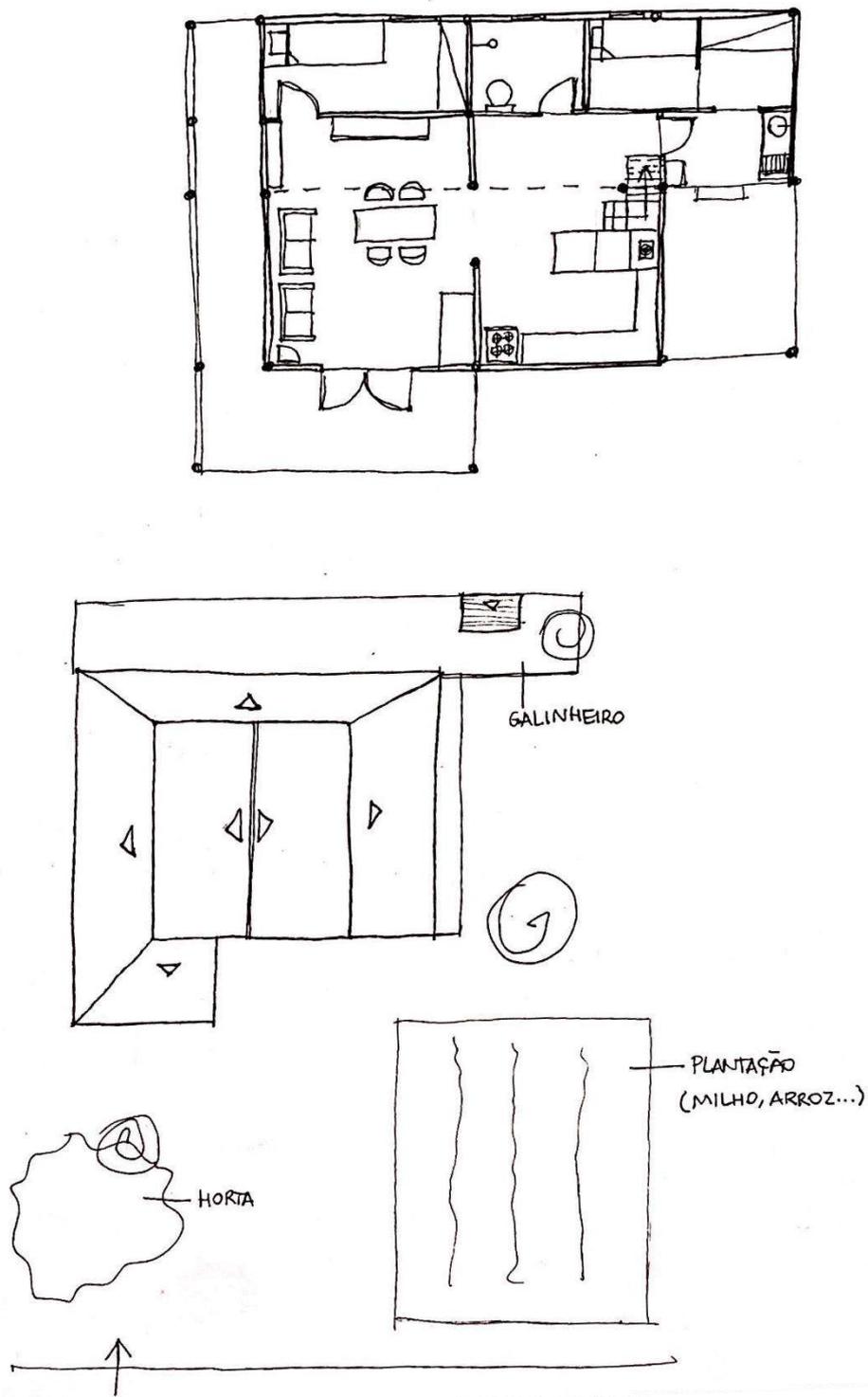
A seguir, seguem croquis elaborados durante as visitas, e que servem para ilustrar a organização espacial de cada casa e a relação com o entorno próximo.

Figura 1 – Casa da dona Ireni e do seu Inácio.



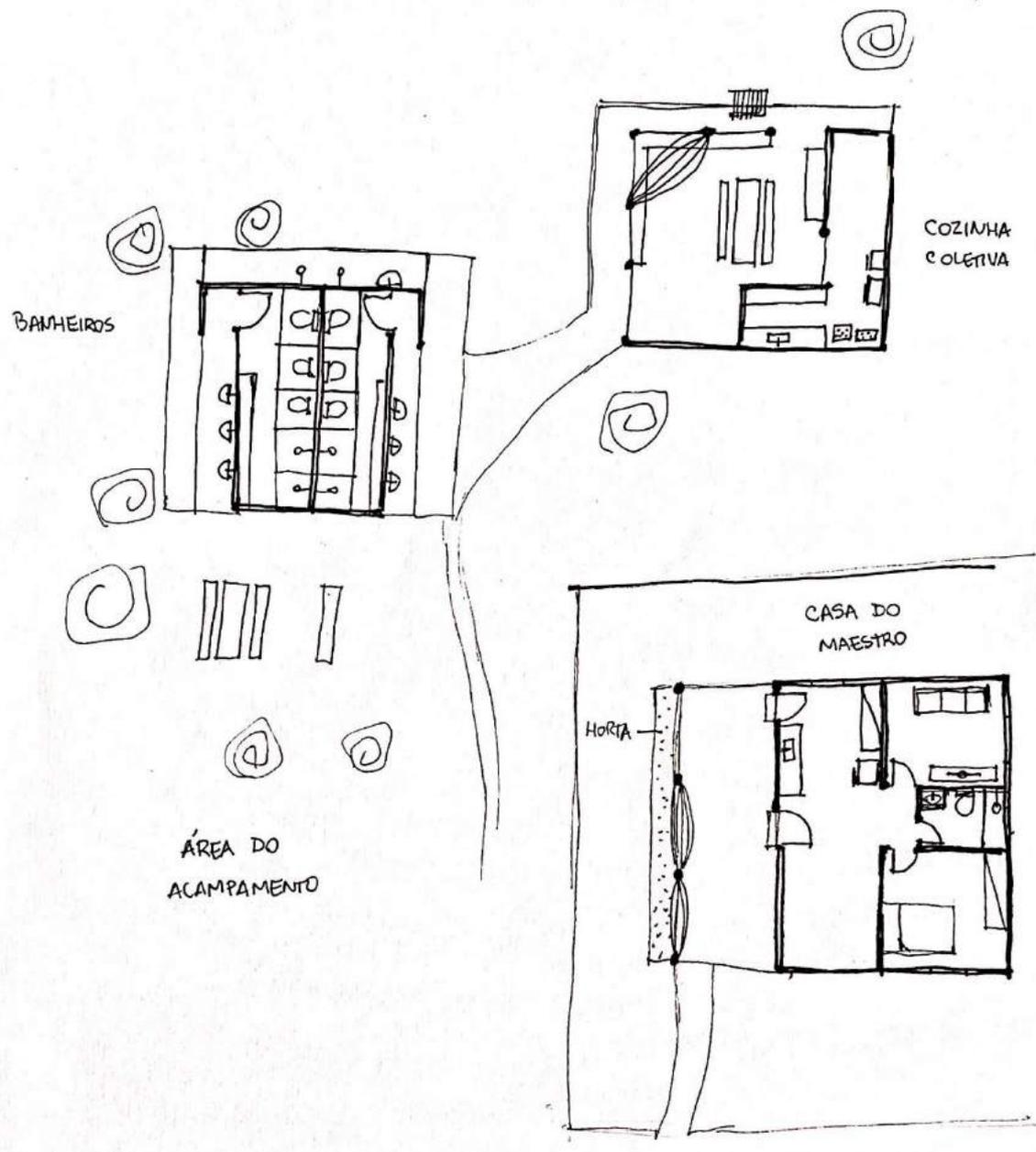
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Figura 2 – Casa do Zé e da Elenir.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

**Figura 3** – Acampamento e casa do Maestro.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

#### 4. CONCLUSÃO

Como vimos, a metodologia buscou integrar arquitetura e etnografia, através da Análise Temática, com a interpretação e compreensão dos modos de habitar o espaço da fazenda. Os resultado dessas análises foram os eixos temáticos criados, também chamados de conceitos-chave.

Cada eixo temático abordou fatores específicos percebidos ao longo do tempo de pesquisa com os moradores. No primeiro item do capítulo 2, foram abordadas as formas como eles se apropriam e moram; as relações entre os espaços que conferem privacidade (íntimo) e os que se abrem para o convívio com os outros (coletivo); e como foi o surgimento destes espaços.

No segundo subcapítulo o objetivo foi entender as redes criadas para as atividades de morar, trabalhar, viver (as redes de contato, de trocas e de encontros); o papel do trabalho e as formas de sustento que nascem na fazenda, como as atividades de turismo na natureza.

Já no terceiro são trazidas as histórias pessoais, das atividades que exercem, das relações sociais e de trabalho, contadas nas entrevistas. Este tema é abordado através da ontogenia, que consiste nos fatores históricos responsáveis pela formação do indivíduo, sendo essencial para o entendimento da personalidade e relação deles com o meio rural.

Também importante é a relação do esporte com a natureza e a inserção de uma pessoa de fora no contexto familiar da fazenda (o escalador que mora na casa próxima), assuntos estes abordados no quarto tema. Entender como é o esporte é desenvolvido no lugar e qual o papel do escalador que mora lá é necessário para compreendermos a relação com os donos da terra, a percepção deles e todos interagem com a natureza e as outras pessoas.

Por último, é abordado a relação entre o campo e a cidade, através do lugar de fronteira, que consiste no espaço que permeia os dois universos. Essa é uma característica dos moradores. Eles precisam dialogar com os dois meios, eles frequentam ambos e dependem dos dois.

Enfim, conclui-se que este trabalho acrescenta ao campo expandido da Arquitetura à medida em que aborda a arquitetura rural do ponto de vista etnográfico, trazendo um contexto com grande possibilidade de pesquisas acadêmicas, que são as habitações rurais em Goiás. É importante frisar que pesquisas futuras podem trazer novos raciocínios e abordagens, contribuindo ainda mais para o campo de estudo. As novas relações entre as pessoas deste meio; a possibilidade de construir outras edificações para atender a novos usos; as ressignificações do espaço, tendo em vista o contexto pós-pandemia e respectivas consequências; dentre outras hipóteses específicas que podem surgir.

## Referências bibliográficas

ALENCAR, Valéria Peixoto de. Tropicalismo – Movimento marcou a cultura brasileira. UOL, São Paulo, [s.d.]. Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/tropicalismo-movimento-mudou-a-cultura-brasileira.htm>> Acesso em: jun. 2021.

ALMEIDA, Miriam de Lourdes. **Pirenópolis e o impacto do tombamento**. Brasília, 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Acesso em: maio, 2021.

ALVES, G. da A. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana: concebido/percebido/vivido. **GEOSP Espaço e Tempo (Online)**, [S.l.], v.23, n. 3, p. 551-563, 2019. DOI: 10.11606/inss.2179-0892.geosp.2019.163307. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/163307>>. Acesso em: out. 2020.

AMARAL, Camilo Vladimir de Lima, Análise Temática/ Grounded Theory: **Manual para trabalho na disciplina Arquitetura no Brasil**, Universidade Federal de Goiás. Goiânia: (mimeografado), 2019a.

\_\_\_\_\_. **Plano de Ensino da disciplina de Arquitetura no Brasil**, Universidade Federal de Goiás. Goiânia: (mimeografado), 2019b.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999. 176 p.

BARRETO, Marcelo B.; CONCEIÇÃO, Luana F. da; COSTA, Carolina F. da; NASCIMENTO, Diego T. do; OLIVEIRA, Ivanilton J. de. Geologia e turismo: Perspectivas para a geoconservação e a promoção do geoturismo no município de Pirenópolis – GO. **Ateliê Geográfico, Revista Eletrônica**. Goiânia, v.3, n.3, p.74-91, dez. 2009. Acesso em: mai. 2020.

BOSQUETTI, Lorryne de B. **Análise da estrutura da paisagem e fitofisionomias do Parque Estadual dos Pireneus, Goiás, Brasil**. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, p.134, 2008.

CHAVES, Maria; RODRIGUES, Débora. **Desenvolvimento sustentável: limites e perspectivas no debate contemporâneo**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 8, n. 13, p. 99-106, set. 2006.

ESTEVES, Milton Jr. et al. **Percepção, Cognição e Representação como Instâncias Prévias ao Planejamento e a Gestão do Território**. Uruguai, 2009. Trabalho apresentado no 12. Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p. 1-13.

ETNOGRAFIA. In: MICHAELIS, **Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=VNXZ>. Acesso em: 18/01/2021.

FAGANELLO, Adriana Macedo Patriota; IAROSINSKI, Alfredo Neto. Modelo conceitual teórico sobre percepção cognitiva do ambiente construído. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.6, p. 27466-27479, mai. 2020.

FIGUEIREDO, Elenir C., FIGUEIREDO, Inácio L., FIGUEIREDO, Ireni da C., e FIGUEIREDO, José Joaquim **Entrevista I**. [abr. 2021]. Entrevistadora: Nathália Ferreira Gomes. Pirenópolis, 2021. 1 arquivo .mp3 (57 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste trabalho.

FILHO, Jamilo J. T.; MORAES, Juliana M.; PAULA, Thiago Luiz F. de. **Geoparque Pirineus (GO) – proposta**. [S.l.] Vol. I. [ca. 2010]

FONSECA, Carolina F. da et al. **Habitar o campo: experiências e reflexões**. Goiânia: Editora Trilhas Urbanas, 2019, 120p.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental – Uma Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1997.

GILBERTO Gil e a Trilogia Re (**Realce, Refavela e Refazenda**). Publicado pelo Canal Brasil, no programa O Som do Vinil. [Rio de Janeiro: ca. 2008] 1 vídeo (50 min). Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=K3d\\_9TkZkcU](https://www.youtube.com/watch?v=K3d_9TkZkcU)>. Acesso em: mai. 2021.

GOMES, Nathália Ferreira. Questionário: Identificando os frequentadores do Morro do Macaco, em Pirenópolis. **Formulários Google**, Goiânia, jan. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Portal Cidades – Pirenópolis**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/pirenopolis/panorama>> Acesso em: set. 2020.

JESUS, Marcos Paulo Alves de. Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger. Orientadora: Glória Maria Ferreira Ribeiro. **Revista Existência e Arte**: revista eletrônica do grupo PET – Ciências Humanas, Estéticas e Artes. Universidade Federal de São João Del-Rei, n. 3, jan./dez. 2007.

JOSÉ Abásolo: **Arquitetura e etnografia**. Palestra realizada a convite da disciplina de desenho da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2020, (207 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yjqDDA11a9k&t=1904s>> Acesso em: nov. 2020.

LUNAS, Divina Aparecida Leonel; CARDOSO, Hamilton Matos Júnior (org.). **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil: debates e as experiências dos NEDETs**. Goiânia: Kelps, 2018.

MIGUEL, Francisco Paolo Vieira. **Arquitetura Popular Brasileira: Um enfoque Etnográfico**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.32-50, dez. 2011.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 111, p.09-18, jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Fazendas Goianas: A casa como universo de fronteira**. Goiânia: Editora UFG, 2010. 452 p.

PETRINI e POZZEBON, Maira; Marlei. **Usando Grounded Theory na construção de modelos teóricos**. Salvador: Revista Gestão e Planejamento, v.10, nº1, p.1-18, jan./jun. 2009. Disponível em: <[https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/marlei\\_pozzebon\\_usando\\_ounded\\_theory\\_na\\_construcao.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/marlei_pozzebon_usando_ounded_theory_na_construcao.pdf)> Acesso em: jan. 2021.

SANTOS, Raimundo Antônio dos. **Metodologia Científica – A construção do conhecimento**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TEDLOCK, Barbara. From participant observation to the observation of participation: The emergence of narrative ethnography. **Journal of Anthropological Research**. Department of Anthropology, State University of New York, New York, vol. 47, no. 1, p. 69-94, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Como citar no texto acadêmico as entrevistas oriundas de pesquisas qualitativas?** Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2017/07/como-citar-entrevistas.pdf>> Acesso em: maio 2021.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. – Ed. Raízes.

## Apêndices e Anexos

### Apêndice A – Roteiro semiestruturado para Entrevistas

Objetivo da entrevista: Compreender e apreender a experiência de moradia destas pessoas, levando em conta suas relações com o entorno imediato, com a natureza, com os frequentadores, turistas e vizinhos, e, ainda como são as atividades desenvolvidas neste local.

Perfil dos entrevistados: Moradores da fazenda do Morro do Macaco, no município de Pirenópolis, Goiás.

Local de entrevista: Na própria fazenda.

#### Item A – Entender a relação do turismo com o lugar

1. Como é a rotina do dia a dia de vocês?
2. Quais são as formas de sustento da família?
3. Qual o impacto do turismo na vida de vocês?
4. Como começou a história da escalada e dos esportes de aventura na fazenda?
5. Por que vocês começaram a receber pessoas que gostam de esportes?
6. Como surgiu a ideia de construir uma casa de aluguel e um camping na fazenda de vocês? O que veio primeiro e como foi?
7. O que vocês acham que motivam as pessoas a virem conhecer a fazenda e o Morro do Macaco?

#### Item B – O rural, o homem e a natureza

1. Quais são as formas de locomoção que vocês mais utilizam? (Ex.: automóveis, animais)
2. Qual a cidade que vocês mais frequentam?
3. Quais são os motivos que implicam na ida de vocês à cidade? Com que frequência vocês vão?
4. Falando as três primeiras palavras que vierem na sua cabeça, me responda as seguintes perguntas:
  - a. Como vocês veem a natureza?
  - b. Como é a relação de vocês com ela?
  - c. Como vocês se identificam com este lugar?
5. Quais foram os motivos para vocês se mudarem pra este local?
6. Por que moram no meio rural até hoje?
7. Existem modos de viver, rotinas, culturas, costumes que são específicos desta região? (Ex.: Festas, plantações, produtos típicos, pamonha, pequi, etc.)
8. Como é a relação de vocês com os vizinhos? Vocês compartilham algum destes modos de viver com eles? Existem encontros, festas, mutirões? Com que frequência?

#### Item C – Entender as formas de morar

1. Quais são as principais diferenças nos jeitos de viver de 25 anos atrás e de hoje?
  - a. Vocês tem acesso à internet, televisão, telefone?
  - b. Como essas tecnologia e os meios de comunicação influenciam nas rotinas de vocês?
  - c. O que mudou deste a época em que elas não existiam?
2. A casa em que moram foi construída por quem? (Existem outras casas na fazenda? Quem construiu? Quantas pessoas moram em cada?)
3. Quais foram os materiais utilizados na construção dela(s)?
4. Vocês podem me descrever a casa? Ela tem quintal, curral, varanda...? Quais são os espaços que compõe este conjunto rural?
5. Qual o significado da casa para vocês?
  - (        ) oportunidade de fuga da cidade
  - (        ) porto seguro
  - (        ) forma de manter a família unida
  - (        ) espaço para descanso
  - (        ) lugar de trabalho/ forma de sustento
  - (        ) espaço para guardar objetos
  - (        ) outro: \_\_\_\_\_

## Apêndice B – Transcrição completa da Entrevista I: Proprietários da fazenda

Segue entrevista na íntegra, onde

E – Entrevistadora, O – Zé, O2 – dona Ireni, O3 – Elenir e O4 – seu Inácio

Entrevistadora (E): Quando que vocês vieram pra cá?

O: Cinquenta e dois anos atrás...

Entrevistadora (E): Quantos?

O: Em 60...1968.

O2: Que nós veio pra cá? Eu não lembro a era que *nós veio*...

O: Uai, a senhora não lembra quando eu nasci? Eu não tinha dois anos?

O2: Não. O Zé tinha mais de três anos.

O: Dois anos. É isso mesmo.

O2: Nós veio pra cá dia 05 de novembro. E ele fez 3 anos em 3 de fevereiro.

O: Então, eu tinha dois anos. Em novembro era 1968.

E: Então o Zé tinha dois anos. E aí vocês vieram pra cá, o que que tinha aqui? Era só mato?

O2: Não tinha nada. Não tinha nada. Nós armamos uma *tora*, pusemos uma barraca ali...no rumo do flamboyant (a árvore que tem no quintal) fez um barraco ali. *Nós foi roçar os mato*, meu pai foi passando as *máquina*, fez a rocinha...depois é que fez a casa onde tá...onde tinha o ranchinho do...

E: A casa ela era ali?

O2: É. No lugar do ranchinho.

O: Uma casinha quatro cômodos de...adobe. Conhece adobe né?

E: *Aham*, sei...

O: De barro né.

O2: Aí *tiraram* os coqueiros, os buritis seco, fez uma *bicona* d'água do flamboyant descendo até lá em baixo. Bom pra enfiar *ferpa* debaixo da unha da gente. Bica de coqueiro *cê* já viu né.

O: Buriti.

E: Buriti?

O2: Buriti.

O2: Aí *ficou* muitos anos com essa casinha, depois ela *tava* querendo cair, *goteirando* demais, madeirinha tudo ruim. Aí já foi começar aqui. Aqui Zé, quando começou *cê* tinha o que? Dezesete anos ou dezoito?

E: Essa casa aqui?

O2: Começou a fazer os *bloco*...

O: *Tava* com dezoito anos. Eu ficava mais em Pirenópolis estudando. Aí depois eu vim pra cá...meu pai caiu dum cavalinho e eu tinha que ficar aqui. Aí nisso eu ficando aqui, eu falei *nós tem* que fazer uma casa. Nós mexia pra baixo e pra cima, cortando trem, mexendo numas coisas minha.

O2: Ele ficava mais era na rua com a vó dele lá.

O: Aí eu fiz aqueles bloco de cimento.

E: Bloco de cimento?

O: É. Nós comprou a areia, é....comprou o cimento. Aí eu arrumei uma forma daqueles de fazer bloco, nós puxou a areia no rio ali e fez os bloco tudo aqui, dessa casa.

E: Tudo com areia daqui?

O: Tudo areia daqui. Nós fez aqui os bloco. Só fazia o cimento em Cocalzinho.

E: Essa casa aqui então ela é bloco de cimento?

O2: Uns *blocão* pesado. Umas forma pesada.

O: Da cozinha pra lá tudo é dele.

O2: Foi difícil.

O: Ia Cocalzinho vendia as coisas, trazia cimento e fazia as coisas, os tijolo tudo aí.

O2: Naquele tempo a feira era bom demais. Tudo que *cê* levava vendia. Tudo. Ainda bem né.

E: *Cês iam pra* feira nessa época?

O: Não era feira. Era...*cê* tinha um ponto na rua e vendia mais nas casas, nos condomínios da fábrica. Por que lá na fábrica tinha a parte residencial que era as casas e nós vendia mais pra ele, sabe? Era só chegar e fazia entrega. E parava um pouquinho no meio da rua, vendia e ia embora.

O2: E nós ficava na porta do Zé Gambira, não sei cê conhece ele ali em Cocalzinho, e lá tinha um *arvoredão* na frente, e ele falou “ah, cês pode parar aqui na frente ó e vender suas coisas”.

O: O que conseguia produzir aqui vendia, sabe?

O2: Quando era uma hora dessas assim no sábado os caminhoneiros *ia* comprar as coisas pra levar pra família deles, aí comprava frango, comprava queijo, comprava linguiça, comprava pernil, toicinho, aí fazia uma *feirona* pra levar...rapadura, banana, pegava muita coisa nossa.

E: O que que cês levavam?

O2: O que tinha aí *nós levava* lá e vendia tudo.

O: Tudo o que produzia aqui *nós levava* e vendia.

E: Frutas, doces...

O: Doces, verduras.

O2: Ele ajudou que ele deu chance pra nós ficar lá na frente...e teve um dia que *nós achou* graça. Tinha levado um tanto de frango mas tinha um que não quis empenar, ficou pelado, saiu as peninhas na asa, no rabo né, umas peninhas poucas no pescoço. Levei ele assim mesmo. Chegou lá o Zé Gambira falou “hoje tá meio devagar, o primeiro freguês que vir tem que fazer ele rir pra freguesia abrir.” E ele era contador de estória, fazedor de graça. Aí quando foi chegando mais tarde, *foi* aparecendo mais gente pra comprar. Aí ele já pegou esse frango lá e falou “ó gente, o frango *mió* daqui e *ocês tão* escolhendo os outros. Esse é o maior, o mais gordo e ele é de raça.” Veio uma mulher de lá e encantou com o frango, e comprou o frango. Ela deu até mais um dinheirinho nele, que ele era maior né. Ela falou “não, mas ele vale mais.” Aí ele garrou a contar umas piadas lá e fez todo mundo rir. Daí os caminhoneiros já *tavam* arrumando pra ir embora, iam passando lá e comprando. Acabou que eu mais Zé vendeu banana, queijo, o *capadinho* que ele levou vendeu tudo. Eu falei “uai mas engraçado demais...o homem faz graça...(risos)” E o povo achava bom.

E: Desde que vocês mudaram então pra cá vocês sempre iam então pra cidade vender as coisas? É isso?

O: É, sempre foi um troca-troca né. Vendia, comprava, vendia, comprava (risos).

E: Entendi. É por que a gente fica dependendo né, das coisas da cidade.

O: Dependia disso né. Não tem outra renda aqui, e não tinha mesmo né.

O2: Uai ele (o filho) *tava* na rua, eu tinha vontade que ele estudasse e arrumasse um emprego. Inácio (marido/ pai) é muito teimoso e não pode esperar eu pra levar a merenda, o almoço pra uns rapaz que *tava* quebrando milho lá na roça, lá perto da serra, lá em riba né. Aí eu falei “eu vou só pegar uma roupa que tá na quarador ali molhado e por elas de molho e jogar uma quilera pra umas galinha de pintinho novo e nós vai.” Eram dois cavalo. Ele arreou um pra mim e outro pra ele. Aí ele montou no dele que era mais novo, mais acelerado. Eu falei espera, Inácio. Aí ele “não, que cê fica enrolada e não sei o que” e eu “não, mas não tá passado de hora. Eu vou *panhar* quilera pros pintos e cê vai fechar a casa.” Aí ele não pôde esperar não. Montou no cavalo, tirou a sapiquara. Cê sabe o que é sapiquara?

E: Sei não.

O2: Ela é um saco pra cá e pra cá. E no meio tem uma costura...um aberto.

E: Ah, pra carregar coisas né? Que cê *bota* no cavalo.

O2: É. Aí ele tirou as vasilhas do almoço que *tava* no cavalo meu e pôs no dele, que é mais...cismado. Aquele cavalinho do Zé. Aí foi. Chegou lá na subida pra lá daquele *corgo* lá, passando por meio das pedras assim, os sacos espichou no rumo das cadeiras do cavalo e ele bateu os pratos (prá-prá) na cadeira dele, e esse cavalo riou. O zetelo agarrou a pular, pular, pulou até...Inácio caí nas pedras lá. Relou a cara, relou a costela, rasgou a roupa. E ele dando coice ainda, numa pedra. E a sorte é que Inácio caiu pra baixo e o cavalão pulando pra frente, e nisso mandando o calcanhar, o pé no...na pedra lá, o cavalo. Machucou o pé tudo.

E: Tadinho...

O2: E os *trem* batendo. Enquanto não derrubou tudo no chão ele não quietou.

E: Tadinho.

O2: E ele caiu também. Aí o Zé teve que vim pra cá pra ficar tomando conta da *serviceira* aí...e não pode mais seguir o estudo. Aí o resto das estórias cê conta, Zé (risos). Deixa o Zé contar o resto da estória dele.

E: Por que que vocês vieram pra cá?

O2: Ân?

E: Por que que vocês compraram terra aqui?

O2: Porque meu pai tinha uma terrinha lá em baixo e quando eu...

E: Lá em baixo onde?

O2: Aqui no São João, onde é do Tinho Figueiredo. Meu pai tinha uma chacrinha de 13 alqueires lá.

E: São João é o morro, não é? Esse aqui que a gente chama do Macaco?

O3: É, é.

O2: É. O Morro é o Macaco.

O3: Tem uma *aguinha* ali, não tem?

E: Tem...

O2: O *corgo* é que o Rio São João.

O3: Essa *aguinha* é o São João, sempre São João.

E: O córrego é São João. Entendi.

O2: Aí meu pai comprou. Tinha essa chacrinha lá em baixo, na beira do rio também. Aí eu casei e *nós ficou* morando lá. Ele tinha comprado mais um irmão dele lá, uns 4 alqueires de terra, com uma casa do tamanho dessa, grandona. Uma casa *véia* que era *dum* tio dele. Aí *nós ficou* morando lá uns cinco anos só. A hora que eu falo que o Zé veio pra cá ele tinha três anos, é aí...ele fez três anos aqui. Aí, de repente o João, o irmão dele casa e muda pra lá também. Tudo que ele queria era só Inácio trabalhando e ele ficava só...folgado. Plantava as coisas no terreno do pai dele lá, porque o pai tinha mais terra né, era emendado com a dele, com os 4 alqueires que eles *comprou*. Aí Inácio teve que partir meia com ele, ao invés dele dar a meia pro pai dele, porque o terreno era do pai dele, deram tudo pro João. E o João não trabalhava. Aí eu "ah, nem...". O João pegava meia e Inácio deu arroz, deu feijão, deu milho, tudo de meia e, as abóboras que eu plantei lá, três montão de abóbora pra tratar de porco, o João carregou tudo. Tudo pra ele. E ele era muito esperto. Ah, *num* dá certo de morar junto, nada né. *Nós roçava* pasto e ele não roçava. O Zé era pequenininho, tinha que tirar a vaca pro curral...podia não ter nenhuma vaca, Inácio buscava longe...dois litros de leite pra dar pro Zé. Vamos sair de perto desse rancho que ele monta no *cêis*. Aí meu pai achou...o cara ofereceu aqui pro meu pai. E meu pai falou "uai, vou chamar Inácio. Às vezes ele vende lá em baixo e compra aqui. Porque meu pai sozinho não dava conta de comprar.

E: Vocês já eram casados?

O2: Uhum...aí *nós veio* passear um dia e meu pai mostrou de lá da chácara lá enxergava aqui. E ele era doido pra comprar aí, meu pai né. Aí falou "ó, se vocês quiser vender a chacrinha lá e comprar aqui". E eu ficava doida com vontade de ir embora porque minha mãe era muito doente e o cara lá achando ruim. Aí pegou e deu certo de comprar aí. Juntou meus irmãos que tinham um *dinheirinho* guardado, e nem era muito não, que era emprestado pros outros né. Aí meu pai pegou dinheiro dos meus irmãos, *nós vendeu* lá também em Santa Rita e. inteirou os dinheiros e comprou.

E: E o Seu Erino? Como que ele veio pra cá?

O2: Uai, ele também veio porque ele pegou dinheiro dele também. E antes de pegar a escritura, pra você ver, o homem confiava muito no meu pai né, aí antes de arrumar as escrituras meu pai vai, e daí dois anos ele morreu, e deixou tanta roça de arroz pra colher.

O3: Para, para com conversa....

E: Roça de arroz?

O2: Deixa eu contar aqui, Inácio.

E: E nunca mais plantaram? Por quê? Dá trabalho demais?

O: Dá.

E: Pra limpar né?

O: Também. Limpa, a colheita é na mão. Hoje tudo já depende de máquina né. Na mão hoje não dá...eu plantei uns pezinhos na porta de casa assim, só pra...

E: Fazer o almoço (risos).

O: Eu tiro mesmo meu *arrozinho* lá (risos).

E: E deu? Deu certo?

O: Não...tá lá assim ó.

E: Pequenininho? Quanto tempo que demora?

O: Ah...

O2: Aí minha estória é *meia* curta. Aí meu pai morreu antes de pegar a escritura e já *tava* arrumando pra pegar. Ele morre e ao invés de deixar isso em inventário, o que era parte dele nós deixamos pra Ana, minha irmã. Ela era caçula, ajudou muito também. E o dos meninos tudo *tinha* dinheiro na terra aí dividiu. Ao invés de arrumar aquele negócio de inventário...

E: Achou melhor dividir. Inventário às vezes é cansada, né.

O2: Um pedacinho pra cada um, né. Aí o da *cumadi* Ana ficou sendo um dinheiro que meu pai trocou, né.

E: Entendi. E em relação a essas coisas todas, desde que vocês mudaram pra cá, o quê que vocês notam que mais mudou assim? De antigamente pra hoje quê que é mais diferente? Hoje vocês têm televisão, têm internet, tinha energia, como é que era?

O: Não tinha nada.

O4: Energia colocou foi em, né. Não...noventa...noventa e três.

E: Foi quando? '93?

O4: É, porque eu saí daqui...a Patrícia nasceu não tinha energia ainda, ela nasceu em '92, quando colocou energia. Não, foi bem mais...quer ver.

O: Noventa e cinco, por aí.

O4: Eu fui pra Pirenópolis Patrícia tinha seis anos. Aí naquele ano que eu fui veio a energia. Eu não fiquei nem seis meses quando já tinha energia. Faz a conta aí...

O: Eu...pegava umas empreitas fora aí levantei um dinheiro e puxei energia, sabe, pra cá. Aí foi que a gente pôs energia aqui, na época.

E: Noventa e cinco. E o que mais que mudou, de lá pra cá?

O: Uai, foi a energia, depois...mudou muita coisa não. Foi mudando, né. Mudando muita coisa.

E: Mudou não?

O4: A mudança maior foi de cinco anos pra cá, né?

E: Mas e antes desses cinco anos? Assim, o quê que...?

O4: Aí eu já não...

E: Tem cinco anos que você tá aqui?

O4: Não. Antes eu fiquei até '95 e fui pra Pirenópolis. Aí eu voltei agora, em setembro faz 2 anos que eu voltei pra cá. Aí nesse espaço de '95 até dois anos atrás aí eu num...(risos)

E: Entendi. E posso te perguntar porque que você voltou? Você acha bom morar aqui? Morar na roça?

O4: Uai, eu não voltei porque não tem mais...assim, eu fui pra Pirenópolis pra colocar menino na escola, né. Aí minha função de, de mãe eu encerrei né. Cresceu, estudou, aí não tinha mais. E pra ficar trabalhando ele aqui e eu lá...não tinha mais sentido né. Então é melhor voltar e unir pra trabalhar junto.

E: Uhum.

O4: Ficar trabalhando um pra um lado e o outro pra outro. Não, né. Mas assim é bom, eu gosto daqui.

E: Vocês têm três filhos, né? É o Zé, o Pedro e a Patrícia?

O4: É.

E: E aí depois também veio telefone, internet. Telefone não pega, né? Tem telefone aqui?

O: Só no *whatsapp*, né.

E: Só internet então né?

O: Só internet.

E: Antes de ter internet, vocês tinham alguma comunicação?

O: Tinha. Antes da internet o celular da pessoa era rural.

E: Sei.

O: Mas não funcionava muito, não.

E: E a internet, quando que veio pra cá?

O: Internet tá com dois anos. Aqui tem uns dois anos que *nós pôs*.

E: Entendi. E, você falou que essa casa aqui foram vocês que construíram, e aí essa parte de cá, que veio depois, no aumento da cozinha?

O: Também foi. Mas aí já foi de tijolo né. Nós compramos os tijolos e *fizemos*.

E: Tijolo mesmo né, de barro.

O: Uhum.

E: E...eu não conheço essa parte pra lá, não sei o quê que tem, sabe, além daqui. Mas aqui vocês têm curral, ali na frente. Aqui é galinheiro?

O: Ali é uma rebaixa. Onde faz as rapaduras. Tem a tacha lá...ainda é primitivo. Mas ainda funciona.

O2: Essas muriçocas...

E: Faz rapadura...só rapadura?

O: É. Produz rapadura ali.

E: E lá vocês construíram também em que, quando que foi? Em que época? Junto daquela casinha ou dessa daqui?

O: Foi. Depois daquela casinha um pouco depois. Aí tinha um engenho, mas era a cavalo. Era bem aqui nesse....

E: Tinha um engenho?

O: A cavalo né. Tem até uma moenda antiga que era usada.  
O2: Eu queria que amontoasse ela...pra não deixar acabar né. Povo gosta. A mulher até queria comprar pra levar de enfeite pra casa dela.  
E: E ela é bonita, é interessante.  
O: O cavalinho puxava ali, e produzi a garapa e moía pra fazer rapadura.  
E: Ali naquela roda é onde entra né? A cana.  
O: É. Era tudo primitivo.  
E: Como que vocês fazem com o esgoto?  
O: Aqui é uma fossa.  
E: E onde ficam essas fossas?  
O: Tem uma aqui próxima da casa e um tanque lá em baixo.  
E: O tanque de coração? Eu chamo ele de tanque de coração porque acho que ele tem o formato de um coração.  
O: Ah...(risos) mas não é nele, não. É uma fossa mesmo  
E: Ah sim. Então o esgoto da casa se divide aqui e lá?  
O: É. Assim, esgoto de banheiro né. Aí o de cozinha, pia essas coisas vai pro pasto mesmo, num..água de lavar panela, essas coisas não cai nela, não. Ela sai da cozinha e já vai pros peixes, pra represinha.  
E: Ah...entendi.  
O: Agora o do camping já cai na fossa.  
E: Do camping?  
O: É.  
E: E a fossa é grande? Vocês que fizeram? Junto com essa casa aqui ou depois?  
O: É. Ah, não...fizemos junto com o camping, né. O camping foi depois. O camping foi quando...você lembra quando foi o *Xivaldo* (Festival de escalada)?  
E: *Uhum*. Foi no ano do *Xivaldo*?  
O: É. Quando foi criado o banheiro foi criado tudo na época do *Xivaldo*. Tudo aquilo ali foi pro *Xivaldo*. Como ia acontecer o *Xivaldo*, eu falei, uai...e o banheiro? No começo veio a ideia de locar, tipo aqueles banheiros químicos. Mas depois eu falei, não vai funcionar, é melhor a gente fazer uns banheiros, que aí já fica pronto também né.  
E: *Uhum*.  
O: Aí eu resolvi fazer os banheiros. Aí depois é que nós falamos, ah agora tem que fazer a cozinha também, né. Aí fizemos.  
E: E a cozinha? Quando que vocês fizeram? Tem quanto tempo já?  
O: *Tamo* fazendo ainda (risos).  
E: *Tá* no processo.  
O: *Tamo* fazendo ainda, porque não acabou ainda.  
E: Mas a cozinha já tem dois anos, não tem?  
O: Ah, deve tá fazendo. Dois anos e *nós* não *deu* conta de terminar ela, hein? (risos). Mas *tá* indo né.  
E: É assim mesmo.  
O2: Essa casa aqui levou uns oito anos, não foi, Zé?  
O: Ah...essa aqui nós fez e depois...não rebocou nem nada, né. Aí logo ali era só quatro cômodos, apertado. Nem terminamos ela e nós já passamos pra cá. Aí fomos fazendo, arrumando devagar. Por isso que levou tempo também, né.  
E: Mas também morava todo mundo lá? Era pequenininho pra todo mundo, não?  
O: *Ixi*...ali era quatro cômodos. A sala, a cozinha e dois quartos. Mas aí tinham os meus tios que ficavam aqui, tocavam roça juntos. Era muita gente que ficava ali, pousava no chão.  
O2: Teve aquela vez, né, que trabalhava doze homens todo dia, a semana inteira, quando tinha bananal aí...tinha serviço demais, roçava pasto. Aí teve um dia que fizemos um mutirão no sábado e deu quinze pessoas. Aí quando foi na segunda-feira até no outro sábado ainda tinha doze homens trabalhando.  
O: Eles plantaram banana. Fizeram um bananal, descendo aqui até na divisa.  
E: Olha só! Devia ser bom, hein! Banana pro ano inteiro.  
O: Era um caminhão de banana por mês.  
E: E aí vocês vendiam?  
O: Vendia um caminhão de banana por mês.  
E: Devia ser bom, né?  
O: Era bom.  
O2: Foi com o dinheiro das bananas que acabou de pagar a terra aqui.

E: Olha só...

O2: Banana deu muito preço nessa época. Valeu a pena.

O: Só que foi bom, só que foi pouco tempo. Era banana maçã, ela é muito boa de mercado, vendia muito. Mas a doença montou, com pouco prazo. Na hora que *cê* começa a produzir ela dá dois cachos e já...fica mole.

E: Não sabia.

O: Não tem remédio, não tem nada. Não acharam um remédio pra ela, né. Tem uma maçã que eles plantam hoje em dia, mas não é a maçã legítima. Ela aguenta mais mas não é a pura.

E: E o que mais vocês já plantaram aqui?

O: Aqui depois do bananal virou pasto. Mas já plantamos arroz, feijão, milho.

E: Que época foi essa das bananas?

O: Ah, foi...65.

E: Certo. E qual que é a sua rotina aqui? Como que é o seu dia a dia?

O: Hum...tem muita coisa pra ver.

E: Muita coisa pra fazer?

O: É. Muita coisinha. Tenho que vi aqui e tirar um leite de umas vaquinhas.

E: Que horas você tira leite?

O: Ah...eu não levanto muito cedo, não. Um 7 horas.

O2: Hoje mesmo ele veio tirar leite depois da feira, agora de tarde (risos).

O: Nós estamos só com três vacas agora, aí é bem pouquinho.

O: Mas tem que tirar né?

E: Uhum. E depois que você tira leite?

O: Eu plantei umas torra de milho ali, aí tem que arrumar água pra molhar. Aí tô querendo moer uma cana essa semana, e não sei como é que eu vou fazer. Tem que cortar o milho pra fazer um silo pra tratar das vacas.

E: Ah, tá fazendo ali, né?

O: Tô. *Cê* viu ali?

E: Eu vi de longe, mas vi.

O: Pois é. Tem um milho lá.

E: O que mais *cê* faz?

O: Aí...cada dia tem uma coisa pra gente ver né. A gente *tava* roçando pasto ali, tem cerca pra passar arame.

E: Não para, né?

O: Não para, não. Aí tem que arrumar as coisas pra vender também, né. Matar um porco, tem que produzir pra feira.

E: Vocês só vão na feira no domingo?

O: É só domingo. E tem as entregas também que a gente faz. Pessoal dos condomínios sempre pegam coisas.

E: É? De onde?

O: Do Vagafofo, de Pirenópolis.

E: Vocês entregam pra eles? Hum...que bom né.

O: É, é bom.

E: Vocês falaram que teve uma época em que houveram mutirões aqui. Como é a relação com os vizinhos? Vocês conhecem bem todos os vizinhos, todo mundo aqui perto? Os mais próximos...

O: Conhece. Assim, agora mudou muito né. É igual você *tava* falando do mutirão. Na época do mutirão todo mundo era mesma lida né, tudo era no braço, aí eles faziam mutirão, roçava pasto, subia a casa, um limpava a roça do outro, era festa todo sábado.

E: Um mutirão, uma festa?!

O: Um mutirão, uma festa. E o povo trabalhava, fazia mutirão, fazia mutirão, e eles faziam o serviço pra ganhar a festa. Trabalhava pra ajudar o outro. Hoje se fizer um mutirão, não funciona, né.

E: Não vem ninguém?

O: Os que vai às vezes...o que *tava* acontecendo agora era que fazia e tal, mas quando chegava uma certa hora, dormia, deitava debaixo de uma árvore...trabalhar que é bom...(risos)

E: Não trabalhava.

O: E queria a festa, né.

E: Que coisa, hein.

O: Vai mudando, né.

E: É assim mesmo. Vocês fizeram mutirão pra construir o camping? A igreja?

O: Não, pro camping não. Pra igreja sim.

E: A igreja vocês começaram em que ano?

O: Pra igreja teve mutirão pra começar.

O2: Ih, não marquei quando começou, não. Ah, mutirão teve um dia aí que deu quatro pessoas, não foi?

O: Mas foi um mutirão. Na época de hoje ninguém, né...hoje tá muito diferente.

O2: Já foi bom. Povo trabalhou com vontade tá bom, né?

O: O pessoal de primeira era diferente, né. Era tudo pegava no pesado, e hoje ninguém pega no pesado mais. Só quer saber de...canetinha, né (risos).

E: Papelzinho (risos).

O2: O pesado acabou.

E: É.

O2: Daí, mutirão "ah vou ajudar fulano", mas aí depois na hora que for fazer na casa dele, povo não vem. Aí desanima, né. Quando é animado, né. Quando é animado, mas quando não é também...vou ajudar fulano mas depois ele não me ajuda, uai.

E: É porque o mutirão sempre foi uma mão ajudando a outra, né?

O: Um ajuda o outro, né. Eles faziam uma traição, às vezes o pessoal *tava* apurado de serviço, né, uma roça no mato, uns pastos sujos. Aí eles combinavam de ir e arrumar uma traição pra ir lá ajudar eles a arrumarem e ganhar a festa. Aí eles iam na sexta-feira, montavam nos cavalos e juntava com os sanfoneiros, violeiros e iam lá de noite pra acordar o dono da casa, pra avisar que era uma traição, que eles iam pra lá ajudar.

O2: Era bom, divertido! O povo achava bom. Até as mulheres iam.

O: Juntava todo mundo e danava a cantar na porta. O dono *tava* dormindo e acordava assustado, pra receber a traição porque aí no outro dia o povo vinha trabalhar.

E: No dia anterior então eles iam?

O: No dia anterior. É o aviso à noite, pra ir trabalhar no outro dia cedo. Às vezes o camarada *tava* lá deitado, tranquilo, nem esperando receber cinquenta, quarenta pessoas pra trabalhar. E iam mesmo, umas cinquenta, quarenta pessoas. Quando eles viam que os donos eram fraquinhos, com poucas condições, no outro dia aparecia cada um com um pacote de arroz, um de feijão...e juntavam e faziam a panela de comida pra todo mundo. Tinha vez que o cara até chorava. *Tava* apurado, não tinha nada e de repente chegava serviço e comida ainda, né. E era festa a noite inteira...o povo achava bom demais. As mulheres faziam quitandas e aquele monte de trem pro povo tudo...doces. A noite tinha muita coisa. Hoje não tem isso mais não.

E: Mas vamos tentar arrumar um. Vamos fazer um mutirão aqui. Mutirão de quatro pessoas (risos).

O: Ih...mas isso aí ficou no passado, né (risos).

O3: Vamos criar uai. Vamos criar essa festa. Vamos marcar uma coisa que todo mundo pode participar, por exemplo, vamos fazer uma horta. Mutirão de uma horta aí e de noite vai ter uma festa.

O: É...fazer, faz né (risos). Essa época de mutirão e essas coisas, eu era menino ainda. Aí eu conheci, mas era menino moleco. Depois que eu cresci, aí acabou, não teve mais. Ficou uma lembrança boa, da união do povo, né.

E: E mudando um pouco o foco...eu construo casas, e eu queria saber o que uma casa significa pra vocês? Porque casa pode ser um espaço de fuga da cidade, de refúgio, de quem quer uma vida mais tranquila. Pode ser um espaço pros escaladores que vem e querem esquecer da barulheira da cidade, deitar no mato...pode ser trabalho também, que eu vejo que é muito do que é a casa de vocês, um espaço de trabalho, né. O que mais que vocês acham que é?

O: Uma casa?

E: Principalmente a casa de vocês.

O: A casa, pra gente...só o fato de ser uma casa e você entrar de baixo e falar "não, isso aqui é meu, não tô pagando aluguel" é uma alegria, né. Agora, a casa é um sonho pra qualquer pessoa, né. Ter o cantinho sossegado...é o sonho de todo mundo, eu acho. E você construir uma casa também. Pegar do chão, levantar, construir e tá pronto...é uma conquista.

E: Imagino.

O: Você falar assim "fui eu que comecei, eu que fiz isso aqui e tá funcionando", é uma alegria.

E: Deve ser um sentimento bom, né?

O: É bom. Você vai ver que coisa boa...

E: Vamos ver. Eu quero ver e aprender com você. Vamos construir uma casinha aqui logo logo.

O: Eu que tenho muito que aprender com você uai...você que tá estudando (risos). Eu só vou na prática, informação, informação, como é que funciona...assisto vídeos.

E: A prática é muito importante, tanto quanto a teoria. E aí, falando um pouco sobre o pessoal que vem pra cá, do ponto de vista de turismo. Quem são essas pessoas que frequentam, que vem aqui, e desde quando? Vem mais gente além de escalador?

O: Vem. Vem gente pra escalar, pra fazer caminhada, só pra ficar descansando, passar uns dias e sair do barulho, tem gente que vem pra tratar porque tava com depressão, né...vem de tudo.

E: *Uhum*. E qual que é o impacto disso aqui na vida de vocês? No dia a dia?

O: É muito bom essa parceria, porque é uma parceria né. É uma coisa boa, né. A gente faz amizade, mais amigos, mais gente, e tudo gente boa.

E: Mas você acha que é bom pra vocês, né? A amizade, o convívio...

O3: A economia também vai aumentando né.

E: É uma forma de sustento pra vocês, né?

O3: Já é uma forma de sustento também.

E: E como que começou a história desse povo todo vindo pra cá? Da galera dos esportes?

O: Eu nem sei em que ano foi.

O2: Mas específico depois da chegada do Eric, né.

O: Foi. Mas assim começou um pouco antes. Quando a Cris teve aqui já foi quando abriu a escalada, né. Ninguém sabia desse potencial, desses eventos, nem nada disso, né. Aí um dia a Cris chegou aqui, foi desvendando e aí tudo começou.

E: Você lembra mais ou menos o ano? Em que tudo isso aconteceu?

O: Hum...lembro assim quando foi, não.

E: Tudo bem. A casinha do Eric, foi você que construiu?

O: Foi.

E: Quando que foi?

O: Eu construí já tem uns cinco anos, ou quatro. Eu construí ela porque a gente ia pôr um caseiro e aí não deu, tinha muito serviço, muita coisa pra fazer, aí...não deu certo, não *tava* funcionando. Também não *tava* vendendo muito bom pra manter um caseiro. O caseiro também *tava* devagar pra fazer as coisas. Aí foi se acabando...aí eu falei "vamos pegar essa casinha e ver o que faz, ver se aluga...a gente já tinha dispensado o caseiro, aí pensamos, pensamos. E ao invés de arrumar outro caseiro, nós vamos é alugar a casinha. E foi isso que aconteceu. Já *tava* entrando a escalada, o pessoal já estava vindo, tinha começado a movimentar, aí alugamos pra ele.

E: Entendi.

O: Ao invés da gente pagar um caseiro, aluga a casa e..vai dar mais renda, melhor do que se pagasse o caseiro, né (risos).

E: Uhum. E o quê que *cê* acha que traz as pessoas pra cá hoje? Por quê que as pessoas vem?

O: Ah, diversos motivos. Um *bucado* é pra fugir do barulho, outro pra escalar mesmo, se divertir e refrescar a cabeça, né.

E: Uhum.

O: Já teve caso de gente que veio, igual com o Pezão, pra tratar, *tava* com depressão e então veio. E foi bom demais. Inclusive continuam vindo até hoje, depois do tratamento, né. Então, acho que tá ajudando muita gente, né.

E: *Uhum*.

O: Sai lá da rua, às vezes tá assim deprimido...e então vem, pega uma energia diferente, melhora o corpo, a cabeça.

E: É, isso é verdade. Tá acabando (risos). E..quais são os meios de locomoção que vocês mais utilizam? Carro, moto?

O: É mais a caminhonete, né.

E: E a sua casa, quando que você construiu? Eu esqueci de perguntar isso, né.

O: Lá...é uma longa estória, depois a gente entra. Ali não foi construção nossa, fizemos apenas uma reforma em uma casa que já existia. Deve ter uns dois anos, né? Dois anos que *nós tá* lá.

E: Entendi.

O: Eu peguei a casa, ela *tava* toda abandonada. Peguei, limpei, arrumei tudo. Aí dei andamento nos papéis...aí vamos tentar usucapião.

E: Entendi. Então a casa tem uns vinte e cinco anos já?

O: Mais. A casa já tá com uns trinta e oito, que foi construída, né.

E: E qual a cidade que vocês mais vão? Pirenópolis? Cocalzinho?

O: É, Piri e Cocal.

E: Vocês vão em Cocal pra quê?

O: Na verdade a gente compra mais em Cocal do que em Piri.

E: Por causa de preço?

O: É, geralmente o mercado em Cocal sai mais em conta um pouquinho. Tem coisas. E é mais perto, né, 16 km. E Pirenópolis, pra nós são 30 km, porque a gente não passa por cima, a gente passa por baixo.

O3: E os preços acabam sendo mais acessíveis, né.

O: A parte de armazém em Cocalzinho é bem melhor.

O3: Eu morei em Pirenópolis muitos anos e comprando lá. Então foi uma...pra quem *tava* morando lá, não saia, então não via a diferença, né. Acostumou a morar numa cidade turística, o preço turístico. Por que lá não tem diferença do turista pro morador, aí agora pra gente que tá morando aqui, é mais acessível Cocalzinho.

E: Cocal, né. Entendi.

O: Mas a parte agropecuária eu costumo comprar em Pirenópolis. E a parte alimentação é Cocalzinho.

E: Qual a frequência que vocês vão na cidade?

O: Geralmente toda semana, né.

E: Pra feira?

O3: Pra feira uma vez na semana.

O: E uma vez no meio da semana também.

E: Então duas vezes na semana.

O3: Pirenópolis, né? Cocalzinho também...vice e versa duas vezes na semana, alternando entre as duas cidades.

E: Entendi. Ah, e como que vocês chamam essa casinha aqui? Pra mim é a casa dos doces, a casa mais gostosa.

O3: A casa do queijo.

O: Ela foi construída pro queijo. Mas na verdade tá usando pra muita coisa, né.

O3: Mais é pros doces, porque...

O: Até quando mata um porco às vezes a gente dependura lá, por causa das moscas, né.

O3: Na verdade ela é multiuso.

O: É, tá multiuso, não tá uma coisa só.

E: Tá certo. Então é isso gente. Muito obrigada pela atenção, o tempo de vocês e todas as informações.

O: Só com isso você conclui?

E: Uhum, acredito que sim (risos). Mas qualquer coisa eu volto, tá bom?

O: Então tá bom.

E: Muito obrigada, gente!

## Apêndice C – Transcrição completa da Entrevista II: Maestro

Segue entrevista na íntegra, onde E – Entrevistadora e M – Maestro (nome: Eric Magalhães)

Entrevistadora (E): O meu trabalho é um retrato da experiência de morar dos habitantes do Morro do Macaco. Da família da dona Ireni, do Zé. E você aluga uma casa aqui, né. Então você tá vivendo a experiência de morar no Morro do Macaco. Por isso que é importante eu te perguntar...saber como que é isso pra você, trazer também a sua história. Aí, primeiramente, quando que você veio pra cá?

Maestro (M): Eu vim pra cá...eu acho que vai completar 4 anos. Ou já completou, não tenho certeza.

Entrevistadora (E): Quatro? Só?

Maestro (M): Uhum. É pouco, né?

Entrevistadora (E): É pouco, parece que tem bem mais.

Maestro (M): É. É pouco. Ao mesmo tempo parece que já tem um tempão. Parece que eu nasci aqui, quase.

E: Eu não te conheci antes, há quatro anos atrás.

M: Imagina, você com quatro anos de idade, é uma vida inteira né, você já desenvolveu muita coisa. Já anda, já fala. Aqui é a mesma coisa, né. Só que adaptado ao sistema daqui, né.

E: Uhum.

M: Sai da cidade, vem pra cá, e você aprende a...andar aqui, falar aqui. É diferente, né.

E: Muda tudo, né.

M: Uhum.

E: E como que você veio pra cá? Como que surgiu essa oportunidade? Que o Zé me contou que ele tinha construído a casinha pra um caseiro. Aí parece que teve esse caseiro por um tempo e tal. Só que não deu muito certo. Aí a casa ficou vazia. E aí, como que você surgiu nesse cenário?

M: Sei. Então...foi por conta da escalada, né. Eu vinha para cá todo fim de semana, pelo acesso do Seu Erino. Aí eu conversando com os escaladores, a galera falou, "ó, fala com o Zé, que é sobrinho do Seu Erino. Ele tem uma casa lá que era de um caseiro e ele pode alugar". Aí eu entrei em contato com o Zé. Fui lá na feira, falei com ele. Fomos eu e um amigo, todo com vergonha. Falei com ele e tal...era um plano muito louco né. Mudar para cá, por conta de escalar...sem saber o que fazer da vida. E tô aí...já tem quatro anos (risos).

E: E foi rapidinho assim? Você falou com ele e pronto? Você chegou pra conversar com ele já firme de que queria morar no mato?

M: É. Sim. Tanto que eu *tava* tão firme que...ele achava que a casa não *tava* pronta pra me receber, porque não tinha ainda o chão da casa, o piso, né. *Tava* tudo no tijolo, não tinham umas portas ainda. Aí ele falou assim que queria um mês ou dois, não me lembro, assim, era um tempo, pra terminar, dar um jeitinho porque o trem ainda não *tava* *bão*. Aí eu tive que esperar, ansiosamente...fiquei lá, contando os dias (risos).

E: E por que você mudou? O quê que aconteceu? Por que você quis mudar pro mato, o quê que te impulsionou? Como era a sua vida antes?

M: Acho que eu fui muito extremista, assim. Acho que eu sou um pouco extremista, sabe. Quando eu *tava* lá na cidade eu trabalhava muito.

E: Em Goiânia?

M: Em Goiânia, é. Eu trabalhava com música, né. Então dava aula de música durante a semana, de manhã e à tarde. Aí tinham shows no fim de semana, casamentos, formaturas...tudo no fim de semana, né. Então ia emendando. E conseqüentemente, depois das aulas de música durante a semana, de noite, tinham ensaios, pra poder fazer as coisas pros eventos. Então imagina...o show não começa cedo, você não dorme cedo. Você vai emendando assim....sua vida vai ficando uma *doidera*, né. E eu fui muito extremo nesse ponto da música. Então quando eu quis ver como

é o contrário, eu quis também ir pro extremo. Eu falei assim “então eu vou pra roça, vou escalar e vou ver como que é viver na roça, né”.

E: Seu motivo principal era a escalada?

M: Era escalar mas também era uma certa fuga, da cidade. A escalada era só um incentivo maior pra aquele impulso principal, entende?

E: *Uhum*. E você achava que ia ser algo temporário?

M: Não. Nunca pensei.

E: E você já tinha quanto tempo de escalada?

M: Já tinha quatro anos de escalada. *Caraca*, já tenho oito anos de escalada...meu Deus, que vovô (risos).

E: Vovô nada. *Tá jovem!* Oito anos é uma jovem. (Risos)

M: É, é uma criança, né.

E: Então foi tipo assim, só pra eu ver se entendi certo. Por quatro anos você vinha conhecendo e frequentando um lugar, aí de repente, surgiu a oportunidade e você falou “não, é o momento de viver essa escalada”, e fugir do que estava te agonizando na cidade, né.

M: Sim. Eu acho que eu dei muita sorte, assim. Porque a escalada tava ali presente, e muito bom. A escalada *tava* incrível. E aqui no Macaco é uma escalada com corda. E na época, o Boulder\* era muito acima, né. E eu era uma pessoa que me esforçava para escalar com corda sempre que dava, sabe, sempre tentava me encaixar ali na galera. E o bonde do pessoal da corda era pouco, era uma galera bem menor que agora. Aí eu tentava vir, né. E aí quando eu conheci o Macaco eu achei muito bom escalar e tudo, muito desafiador, né. Aí então sempre que eu tinha a oportunidade...tava vindo. Foi bom. Então eu acho que eu tive muita sorte de ter vivido naquela época e ser o doidão que queria desapegar naquele momento daquilo, sabe. Porque agora tem muita gente escalando, né. Então eu acho que dei muita sorte. Eu tive a sorte de ser...eu mesmo.

E: De achar o que você *tava* procurando, né.

M: Exato (risos).

E: Incrível!! E como que é a sua relação de trabalho, o sustento? Como que funciona? Como você se sustenta? Você trabalha aqui ou depende da cidade...como que é?

M: É um pouco da mistura dos dois, sabe. Eu trabalho aqui, eu guio as pessoas, levo na cachoeira, levo pra escalar, pra caminhar. E isso me rende um certo dinheiro, né. Aí disso eu já consigo pagar o aluguel...essas coisas assim, né. Mas aí tem o trabalho lá da cidade. Quando eu saí de lá, eu tinha uma escola de música lá, com meu irmão. Tenho, né.

E: *Óh*. Há quanto tempo?

M: Nossa...já deve ter uns doze anos, mais ou menos.

E: Nossa. E aí seu irmão fica administrando de lá e você fica daqui?

M: É, isso. Exatamente. Aí meio que como aqui a renda não é muita pro meu estilo de vida, aí eu preciso captar um pouco do recurso lá da escola de música, sabe. Aí isso soma esses dois, e eu vou me mantendo.

E: Hum. Entendi. E como que é a sua relação com a cidade? Você costuma frequentar qual cidade mais? Com qual frequência?

M: É, eu acho que a cidade que eu mais vou é Pirenópolis, com certeza. Mais pra visitar um amigo muito querido que tenho lá. E aproveito pra resolver as coisas, né, coisa de banco, supermercado.

E: Qual é a frequência que você vai em *Piri*?

M: Nossa...uma vez a cada duas semanas.

E: Uma vez só?

M: É.

E: Aí as coisas que você compra duram?

M: Duram. Aí também quando eu vou, às vezes eu fico lá de um dia pro outro, ou de um dia pro outro do outro (risos). A gente aproveita.

E: Entendi. E...qual é o meio de transporte que você mais utiliza?

M: Moto.

E: Certo, moto.

M: Atualmente sim. Quando eu mudei pra cá era o pé, né. A pé.

E: Você mudou pra cá e não tinha nenhum automóvel?

M: Não. Não tinha nem carro nem moto.

E: E como que você fazia as coisas?

M: Tudo a pé.

E: Você fazia compra a pé? Por quanto tempo?

M: Foi assim que eu descobri aquela trilha que você veio uma vez. Eu usava ela pra fazer compras. Aí nessa época não existia acampamento...essas coisas todas. Aí os amigos vinham pra ficar lá dentro em casa. Aí era aquele monte de colchão espalhado na cozinha, na sala né...pra gente poder escalar. E cada um trazia um alimento. Aí sempre sobrava um pouco de alimento e eu então só ia na cidade com uma mochilinha assim e comprava assim só o que...só o básico, e vinha carregando.

E: Que incrível, hein. (Risos)

M: Era bom. Quinze quilômetros. (Risos)

E: E como que foi o surgimento do acampamento? Você participou, né, você foi uma figura muito forte pra que isso acontecesse, você trabalhou pra isso. E como que foi? Há quanto tempo?

M: Na verdade acho que foi uma coisa natural, assim, sabe. No ano que eu mudei pra cá, automaticamente meus amigos todos começaram a vir pra cá também, por causa da escalada né...e o lugar, que é incrível, né. E minha casa já não comportava tantas pessoas, entendeu? E aí esse movimento da minha casa, foi o que a gente chamou de *Xivaldo*.<sup>32</sup>

E: Hum...quando foi o *Xivaldo*?

M: Foi, se eu não me engano há três anos atrás. É, vai fazer aniversário agora, dia 30.

E: Ah...no seu aniversário?

M: É. Meu aniversário é eterno. Começa dia 29 de abril e vai...(risos)

E: É. Tá certo (risos). Então foi aí.

M: É.

E: Aí teve esse movimento todo para a criação de um camping?

M: É. Acho que a gente ficou pensando nesse festival, essa coisa, e aí isso foi tomando uma dimensão, foi materializando, sabe? Daí essa ideia atingiu os donos da fazenda, né, o Zé, que tá aí, cabeça ativa, tá fazendo as coisas. Aí ele já também, como que fala...ele se entregou aquilo, né.

E: Como foi a ideia do *Xivaldo*? Porque ele me contou que você chegou com uma ideia pra ele, e ele, uai, *vamo* então (risos).

M: É. Porque assim, não existia um plano, sabe? Todo mundo vinha *pra* cá. E isso já era um festival, a gente enxerga.

E: Uhum.

M: E a gente chamou esse movimento de *Xivaldo*. Só que a gente marcou uma data. Falamos assim, “então vamos fazer numa data, pra ficar histórico, né”. E aí, foi assim que a gente foi falar com o Zé, né, “ô Zé, tal data a gente vai trazer um monte de gente pra cá” (risos).

E: E aí ele construiu os banheiros?

M: E aí foi que ele construiu os banheiros e já aproveitou pra ter um camping, né, pra depois receber futuramente o pessoal.

E: Daí em diante o camping virou uma outra fonte de renda pra fazenda?

M: Exatamente.

E: Incrível. E...quando que surgiu a cozinha? Foi logo depois...ah, você trabalhou na obra dos banheiros?

M: Muito pouco. Mais aqui na cozinha. Mas o pessoal manda muito bem, eles já são organizados e eles planejam. Vamos supor, se eles falam assim “Ah, vou construir o banheiro”, eles não estão

---

<sup>32</sup> O *Xivaldo* foi o nome dado a um Festival de Escalada que aconteceu nesta fazenda do Morro do Macaco, em 2018. Um evento que reuniu escaladores e simpatizantes, em um final de semana do mês de junho.

dependendo de mais nada, sabe? Eles conseguem erguer ali aquilo e...no máximo no momento que ele tá mais aperreado assim...aí “Ou, vem cá, me dá um socorro”. Então...foi na verdade eles que fizeram tudo. A gente só dava o suporte que podia, e que era muito pouco, sabe. Em vista de tudo que eles fizeram. E eu acho que é isso. Não acredito que foi um trabalho...mais a ideia mesmo, e eles acatarem a ideia e ter o poder de fazer a coisa, sabe?

E: Uhum. Gostaram tanto que...fizeram, né.

M: Sim.

E: E a cozinha, quando que foi construída, como que foi a ideia de fazê-la?

M: Eu acredito que a cozinha foi uma ideia de...futuramente fazer de novo o mesmo festival e ter uma, um...alguma coisa melhor, assim, uma melhoria, né.

E: De infraestrutura.

M: Uhum. E também pensando da mesma maneira do pessoal continuar usando, ter uma cozinha no acampamento, não só banheiro, né. Pensa, uma cozinha é...bom demais.

E: É, muito cômodo, né. É bom.

M: É, exatamente.

E: E essas pessoas que vêm pra cá hoje, quem são? Elas vêm por quê? Fazer o quê?

M: Eu acho que é um momento muito especial, sabe. Como a gente tá no meio de uma pandemia, essas coisas assim...daí tem o pessoal que vêm escalar, mas essas pessoas não usam muito o acampamento, poucos usam.

E: *Uhum*.

M: Aí vem um pessoal, assim mais que tá...*vamo* dizer, debilitado da parada da cidade, sabe? Do cansaço da cidade, *vamo* dizer.

E: E isso eles te falam?

M: *Aham*. As pessoas vêm já em busca de uma certa...*vamo* dizer, paz. Mas na verdade tá querendo experimentar alguma coisa. Qualquer coisa, pode ser uma caminhada, um cachoeira, uma escalada.

E: Que é isso que você faz com elas? Leva elas pra conhecer o entorno...

M: É, isso. Ao mesmo tempo tá aparecendo mais pessoas que escalam e estão gostando do esporte. Tá saindo um pouco da cidade e vindo ter o refúgio, né. É gente que trabalha lá e cansa, e vem aqui, descansa. É basicamente essas pessoas que vem pra cá.

E: Uhum.

M: Resumindo assim, é isso. Às vezes eu vou dando volta (risos)...

E: Mas é ótimo, você acaba respondendo a minha próxima pergunta (risos). Eu ia te perguntar, o quê que você acha que motiva elas a virem pra cá? Você acha que elas vem uma vez e voltam? Porque isso acontece? Vem muita gente e com qual frequência?

M: É, basicamente é um grupo específico de pessoas que vem, e que vai aumentando aos poucos, sabe. Que é uma pessoa que traz outra...e aí outra pessoa que fica sabendo, e aí vai meio no boca a boca mesmo. Aí vai crescendo esse público dessa maneira.

E: Mas elas voltam? E por quê, você acha?

M: Sim. Inclusive tem gente que marca, assim, sabe. Marca na agenda e pede pra eu agendar. E eu não tenho agenda...(risos)

E: E como que você marca?

M: Não marco (risos). Eu já fico na cabeça que é todo mês, né. Ah, todo mês vai ser assim. Numa hora do mês a pessoa aparece.

E: Você cuida do Acampamacaco<sup>33</sup>, né?

M: É, na verdade eu moro dentro do acampamento. Minha casa fica em volta do acampamento.

E: Uhum. E como que funciona quando a pessoa quer vir? Ela primeiro entra em contato com você?

---

<sup>33</sup> Acampamacaco é o espaço dedicado ao acampamento e recepção de pessoas nesta fazenda. O nome deriva de um trocadilho entre as palavras acampamento e Macaco – que é o nome do morro. É também o nome da página pública na rede social Instagram.

M: Geralmente sim porque eu tenho o Instagram do acampamento, né. Mas o acampamento é da fazenda, né, da família, do Zé. Eu só, vamos dizer, sou um trabalhador. Eu ajudo a cuidar, falo com as pessoas e tal.

E: Traz mais pessoas, né.

M: Sim, trago mais pessoas, tento incentivar as pessoas a virem, a comer a comida daqui, a comprar as coisas daqui.

E: E eles fazem comida aqui? Pro pessoal do acampamento?

M: Fazem. Sim. A Elenir faz janta e café da manhã.

E: Sempre?

M: Sempre. Porque a tarde a gente tá em atividade (risos).

E: Tá certo! E....deixa eu ver. Como é a sua relação com os proprietários?

M: É um pouco perto e distante. Família e conhecido, sabe assim, essa história?

E: Uhum...

M: Primeiro que eles são um amor, né. Eles me acolheram demais, sabe. Só que eu sei que eu sou só uma pessoa que mora aqui, então...e aí existe essa conexão, né. Mas aí, a rotina é muito diferente. Eles trabalham com tirar da terra as coisas, criar animais, e enfim...fazer doce, queijo. E eu não tenho muito isso, né. Ainda, pelo menos. Ainda tô guiando, escalando e tal. E aí a gente fica um pouco vagando um no mundo do outro, assim. Às vezes eu vou lá, ajudo em alguma coisa. E às vezes eles veem até mim pra gente poder escalar junto. Já escalei com alguns deles.

E: Ó...que legal.

M: Aham. Então é bom, assim, a gente vai trocando essas experiências, sabe. Até um dia chegar o momento que é às vezes é uma coisa só, né. Quem sabe eu não sei fazer queijo daqui uns dias, né (risos).

E: Vai aprendendo já (risos).

M: É, uai. Claro. Aproveitar os momentos.

E: Incrível, né. A gente tem que aproveitar os momentos mesmo. E....como que é a sua rotina hoje?

M: Hoje? Nossa...hoje *hoje tá* tendo muitos planos, sabe. A minha companheira está precisando de ajuda no terreno que ela comprou. Aí eu já tô disposto a cavar uns buraco, colocar uma cerca, passar e esticar...aquela coisa, né. E ao mesmo tempo lá tem umas pedras muito massa pra escalar, vou te levar lá depois pra você conhecer.

E: Ó. Eu quero ir.

M: Muito massa mesmo. As agarras muito únicas, sabe. Mas enfim, vou te levar lá. E ai tá sendo encaminhado por esse lado, agora bem atual. É isso. Essas coisas assim, trabalhar na roça mesmo e escalar.

E: Uhum. Mas antes disso? É interessante você falar que agora está tendo uma experiência semelhante a deles né, dos proprietários da fazenda. Você tá...tirando da terra.

M: Éééé...isso (risos). Sim. Já tô fazendo umas mudinhas, uns trem, plantas e tal.

E: Ó. Mas e antes disso? Antes da pandemia? Como que era a sua rotina?

M: Ah sim. Nossa, eu escalava muito. Eu acho que eu tirei um...uns dois anos assim, desde quando eu mudei pra cá, eu fiquei uns dois anos, tipo aquele ano sabático que as pessoas falam, sabe? Só que pra mim não era tão sabático, sabe. Eu ia e subia o pico todos os dias. Com gente lá ou não. Já escalei sozinho, já subi *pra* não escalar, só *pra* estar lá.

E: Uhum.

M: Mas eram todos os dias. Exceto os dias que eu cansava e dava um *descansinho*. Ou então tinha que ir pra cidade caminhando, pra fazer a compra. Mas durante dois anos foi todo dia escalada.

E: Nossa. E como que era escalar sozinho?

M: É muito bom. É muito prazeroso. É diferente do esporte, assim, escalada sabe. Você não quer fazer força demais, dar o melhor de si...às vezes você só quer estar num lugar massa, você vai estar sozinho, é você cuidando de si próprio, fazendo sua própria segurança pra dar tudo certo, né. Daí escalar sozinho é muito bom. E inclusive te faz dar valor no escalar em conjunto. Principalmente quando alguém tá escalando e você tá junto da pessoa. Porque quando você tem

experiência de escalar sozinho é realmente só você, não tem ninguém. Aí quando você tem a oportunidade de estar com alguém escalando...muda, sabe. É diferente.

E: Uhum, acaba dando mais valor.

M: É. Então essas coisas vão...você vai aprendendo. E também o contrário, né. Você dá mais valor. É muito bom. Vale a pena. Se eu fosse você eu tentaria.

E: Nossa...será? Tá certo...mais pra frente (risos). Hum...e, o que mais eu quero perguntar...quando você mudou pra cá, como que foi pra sua família? Você acha que foi difícil?

M: Nossa, coitados (risos). Eles não entenderam nada. Ainda mais porque eu já cheguei tirando dois anos sabáticos, né, sem fazer nada, só escalando. Então na cabeça deles eu não *tava* fazendo nada. Então eles ficaram muito tristes comigo. Queriam me resgatar de volta.

E: Acharam que você *tava* louco?

M: É (risos). Algo do tipo. Mas hoje já tá mais tranquilo.

E: Meu Deus. Você mora com eles, lá na cidade?

M: Não, morava sozinho. Mas a gente se encontrava, né. Morava na mesma cidade, trabalhava todo mundo junto. Então foi um baque, sim.

E: Mas aí depois eles ficaram de boa?

M: Sim. Agora eles vem me visitar domingo, vem aqui e almoça, vai na cachoeira, acha bom.

E: Vem te visitar com frequência? E o quê que eles acham agora?

M: Eles ainda estão numa fase assim, de compreensão, como eu também estou numa fase de compreensão também né. Eu só tenho quatro anos de idade aqui, né, tô só engatinhando. Aí eles estão engatinhando comigo, né. Existe essa conexão familiar deles entenderem o que eu tô fazendo. Agora é que eles estão entendendo, mas também agora é que eu freei e estou fazendo alguma coisa. Aí tá tranquilo.

E: Uhum. A compreensão que você fala, é o que? A sua?

M: É porque a gente não consegue ficar em pé no mundo sem nada. A gente precisa fazer alguma coisa. Tipo ganhar dinheiro, por exemplo. Sem o dinheiro a gente não consegue fazer muitas coisas. Então a gente tem que ir desenvolvendo alguma coisa, né. Aí às vezes aqui eu já tô na roça, aí tem que alimentar, e já dá pra plantar. Dá pra economizar um dinheiro, e aí você consegue...sabe?!

E: Uhum.

M: É outra vida, sabe. Antigamente era mais só o trabalhar pelo dinheiro. Aí você tinha muito dinheiro e tinha que ficar comprando umas coisas ali, pra ficar feliz e tal. Agora aqui é diferente, né.

E: É diferente?

M: É diferente.

E: O quê que te faz feliz aqui hoje?

M: Eu acho que a sinceridade, sabe. Porque a natureza é o que é. Ela flui, ela não tem pressão, sabe. O dia passa, o sol vai, o dia, a noite. Isso é natural. Lá na cidade não é. Lá as horas são marcadas pra você fazer isso e aquilo, e aí você perde os movimentos naturais, entende?

E: Uhum.

M: Então essa conexão com a natureza é o que eu sinto assim que é o verdadeiro. É o que eu falo de compreensão, da pessoa compreender o momento, da conexão com o mundo. Respeitar isso, né. Porque isso é...fato, né. Isso não é história, não tá num livro. Acho que todo ser humano devia um dia ir pra natureza e ficar lá um tempo. É de lá que a gente vem né.

E: Morar uns quatro anos então? É o que você indica?

M: É, uai (risos).

E: Tá certo (risos). E você tem intenção de voltar pra cidade? Você acha que volta?

M: Não. Eu ainda não tenho nem esse pensamento. Não consigo nem te responder que sim ou que não porque eu nem penso, sabe. É uma coisa que eu ainda tô aqui.

E: Você tá no seu processo aqui, vivendo aqui.

M: Sim. Ainda tô vivendo.

E: E como que é a casa pra você? Como que você via a casa lá em Goiânia, como você vê hoje? Porquê...a casa que você tem hoje é totalmente diferente da que você tinha na cidade, né? Então como que você enxerga, como ela era e o que ela é hoje, aqui?

M: É eu acho que vai um pouco pra esse lado de dormir e descansar. E comer. Eu adoro comer. Então a casa é pra você comer e descansar. Mas isso pra mim sempre foi fácil. Tipo, na linhagem da minha família, a minha mãe nasceu na roça. O meu pai também. Eu nasci na cidade, mas quando eu tirava férias da escola eu ia pra roça. Ficar lá um mês.

E: Você já tinha um contato com a natureza, né?

M: Sim. Aí naquela época não existia energia, a casa era de telhado de palha, sabe? daquelas coisas assim, bem simples. E eu via aquilo como o lar das minhas tias, da minha avó e tal. Então o conceito de casa pra mim sempre foi descansar e comer. Que era o que a gente sempre fazia. Juntávamos naquele lugarzinho ali e tinha um fogão, a gente comia e depois dormia. Não tinha energia, não tinha nada.

E: E da natureza também. Você sempre teve o contato. Não foi muita novidade, né, quando você veio pra cá? Você já sabia o que seria morar no meio rural, né?

M: Sim, já sabia. É claro que eu ficava a maior parte do tempo na cidade, né. Porque tinha que estudar, cumprir os deveres todos. Mas quando tinha férias, não tinha mais nada pra fazer, aí a gente ia visitar os parentes, e aí era na roça.

E: E além de toda essa poesia do ser feliz, do viemos da natureza, até onde eu sei você também utiliza a natureza como sustento, né? Porque você faz as caminhas a tal. É isso?

M: Sim. No fim todos nós né.

E: É, sim.

M: Mas assim, eu compreendo que talvez o meu contato seja mais direto do que por exemplo quando eu dava aula de música. Se bem que música também é tão natural.

E: Também é arte (risos). É natural. Também é livre, né.

M: É (risos).

E: É. Mas que bom. Bem, eu acho que é isso. Deu pra entender bastante o seu olhar, e a relação com o meio que você está inserido. E eu agradeço a sua participação.

M: Eu que agradeço. Dei muita sorte, né.

E: Deu mesmo, muita sorte. Será que é sorte mesmo a palavra?

M: Ah, também, acaba que é. Eu *tava* ali conectado com o que eu queria, ao mesmo tempo sou uma pessoa de sorte, por ter dado bom pra mim, né.

E: É a conexão que você fala, né. Conexão com a natureza. Tudo foi surgindo assim....pá, pá, pá. Uma coisa emendando a outra...isso é incrível. Muito obrigada mesmo, Maestro.

## **Apêndice D – Questionário: Identificando os frequentadores do Morro do Macaco, em Pirenópolis**

Pesquisa sobre o Morro do Macaco, em Pirenópolis – Elaborado em jan. 2020.

Olá! Eu sou a Nathália, escaladora e estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia. E essa pesquisa faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ela está sendo desenvolvida em parceria com os proprietários da fazenda e com objetivo de entender melhor as possíveis demandas do local.

Por isso suas respostas e sinceridade nas informações são muito importantes para nós!

Agradeço desde já por terem chegado até aqui e, vamos lá! :)

Qualquer dúvida ou informações que queiram compartilhar é só entrar em contato comigo!

Nathália Ferreira

nathalia.arqurb@gmail.com

(62) 99380-4332

Obrigada!

---

### **SOBRE VOCÊ**

Qual o seu sexo?

- Feminino
- Masculino

Qual a sua idade?

- Menos de 17 anos
- De 18 a 24 anos
- De 25 a 30 anos
- De 30 a 40 anos
- De 40 a 50 anos
- Mais do que 50 anos

Assinale a alternativa que identifica a sua cor ou raça:

- Amarela
- Branca

- Indígena
- Parda
- Preta

Em que cidade você mora?

Qual o seu grau de escolaridade?

- Ensino Médio Incompleto/ cursando
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-graduação
- Mestrado/ Doutorado
- Outros

Você possui filhos menores do que 6 anos? Quantos?

- Não possui filhos
- Um
- Dois
- Três
- Mais de três
- Não possui filhos menores que 6 anos

Qual a sua profissão?

## **SOBRE O MORRO DO MACACO**

Você visita o Morro do Macaco com qual finalidade?

- Praticar escalada
- Fazer trilhas e visitar cachoeiras próximas
- Acampar
- Comprar os produtos vendidos nas fazendas do seu Erino e da dona Ireni
- Nunca fui, mas pretendo ir assim que essa pandemia de Coronavírus passar

Com que frequência você visita o Morro do Macaco?

- Vou de 1 a 2 vezes por mês
- Vou pelo menos 1 vez por semana
- Vou pelo menos 2 vezes por semana
- Vou tanto que nem sei! Estou sempre por lá
- Quase não vou lá. Passo meses sem ir

Qual acesso você mais utiliza?

- Casa do seu Erino e da dona Antônia
- Casa da dona Ireni e do seu Inácio (onde fica o acampamento com banheiros e cozinha)

Há quanto tempo você frequenta o Morro do Macaco?

- Há menos de 1 ano
- Pelo menos 1 ano; até 2 anos
- Há mais de 2 anos; até 3 anos
- Pelo menos 3 anos; até 5 anos
- Há mais de 5 anos
- Outros

Ao visitar o local, você compra os produtos que eles vendem nas fazendas?

- Sim
- Não
- Às vezes

Se a resposta anterior for não, por quê?

- Acho caro
- Nunca levo dinheiro suficiente
- Não consumo tais produtos
- Geralmente eu compro
- Produtos? Que produtos? Nem sabia que eles vendiam coisas lá...
- A minha resposta foi sim
- Outros

Você utiliza/ já utilizou o Acampamento do Morro do Macaco?

- Sim
- Não

E o que você acha da infraestrutura do Acampamento?

- Acho muito boa e admiro a iniciativa
- Acho razoável. Supre as necessidades de quem frequenta
- Acho fraca e que precisa de melhorias
- Acho desnecessária
- Nunca utilizei

Você utiliza os banheiros do Acampamento mesmo quando não acampa lá?

- Sim
- Não
- Às vezes

Você já visitou outros picos de escalada?

- Sim
- Não

E esses outros picos possuíam acampamento e infraestrutura para receber os frequentadores do local?

- Sim
- Não
- Nunca visitei outros picos de escalada

Se as duas respostas anteriores foram sim, qual(is) é(são) esse(s) pico(s)?

Gostaria de deixar algum comentário sobre o local ou sobre a pesquisa? Fique à vontade!

Muito obrigada pelas suas respostas!

## LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Foi realizado um levantamento fotográfico durante o período de trabalho para auxiliar na compreensão do espaço e no modo como a família habita este local. Segundo Esteves (2009, p.6): “A utilização de meios para captura de imagens se demonstra interessante porque apreende fatos em determinados momentos para transcrevê-los em tempos futuros.” Ele acrescenta ainda que a imagem representa as percepções dos indivíduos sobre o lugar real e que “através dos múltiplos elementos que compõe a cena [...] as imagens constroem mitos, contam histórias e registram tempos, lugares e sentimentos”. Assim, as imagens registradas são trazidas e apresentadas neste capítulo de acordo com cada casa, cada história, cada lugar.

## REFAZENDA

A chegada na fazenda do Morro do Macaco com vista para a casa da dona Ireni e do seu Inácio.



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.



## ERGUIDA DO CHÃO: A CASA DA DONA IRENI E DO SEU INÁCIO

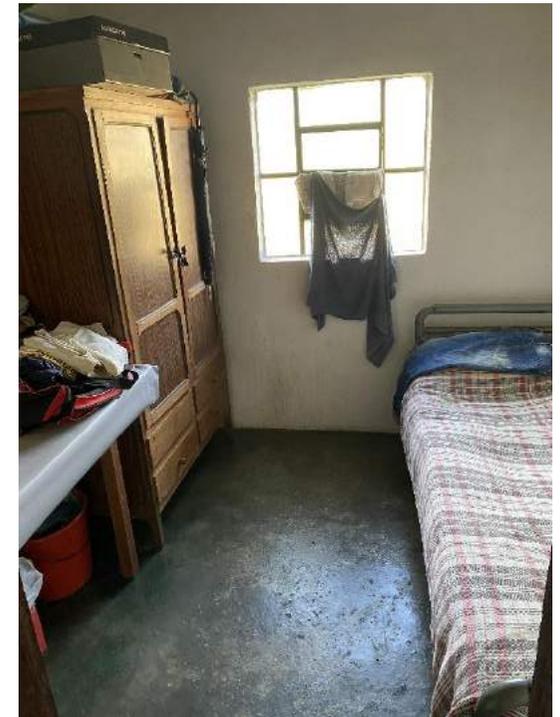
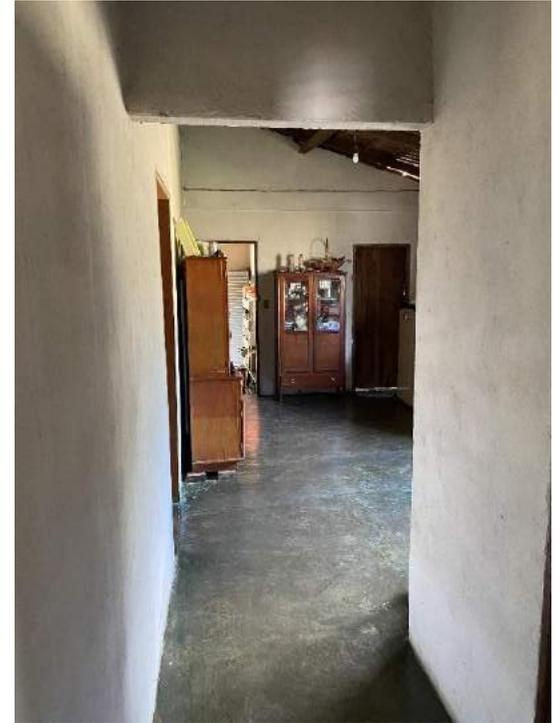


Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## ACABAR DE CHEGAR: O ESPAÇO VIVIDO NA CASA PRINCIPAL



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## A CASA DO ZÉ



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## O ACAMPAMENTO DO MORRO DO MACACO



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.





Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## A CASA DO MAESTRO



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## A IGREJA EM CONSTRUÇÃO



Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.

## OUTRAS FOTOS



Nas imagens podemos ver trechos das trilhas que vão até à pedra, base para escalada, e ainda uma queda d'água que tem dentro da propriedade.



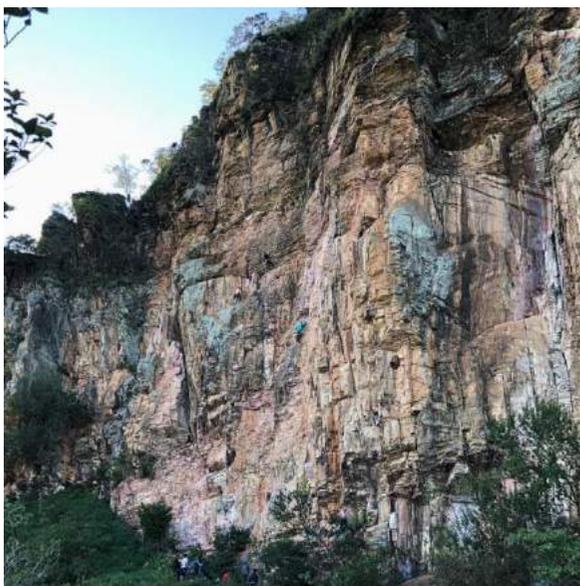
Fonte: Todas as imagens pertencem ao acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora



Fonte: Leve de viagem @levedeviagem durante o evento Xivaldo, 2018.



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Leve de viagem @levedeviagem durante o evento Xivaldo, 2018.



Fonte: Imagens do acervo do Acampamacaco @acampamacaco.



Fonte: Imagens do acervo do Acampamacaco @acampamacaco.



Fonte: Imagens do acervo do Acampamacaco @acampamacaco.

Acima, temos os moradores limpando milho para fazer pamonha e curau; do lado esquerdo, a dona Ireni lavando a louça na bica d'água; e do lado direito, a Elenir e mesa posta de café da manhã, feito por ela mesma, para receber os visitantes.



Fonte: Imagens do acervo do Acampamacaco @acampamacaco.